



Santo Atanásio

Antologia

(A Criação e a Queda; A Trindade; Os Sacramentos; Cristo Redentor; Carta sobre a Interpretação dos Salmos; A Verdade e o Número; Epístola 39)

Fontes:

<http://www.statveritas.com.ar/>

http://www.mercaba.org/Tesoro/cartel_san_atanasio.htm

<http://www.cristianismo.org.br>

<http://agnusdei.50webs.com/patrist.htm>

A Criação e a Queda

Em nosso Livro anterior tratamos suficientemente sobre alguns dos principais pontos do culto pagão dos ídolos, e como estes falsos deuses surgiram originalmente. Nós também, pela graça de Deus, indicamos brevemente que o Verbo do Pai é Ele mesmo divino, que todas as coisas que existem devem seu próprio ser à sua vontade e poder e que é através dEle que o Pai dá ordem à criação, por Ele que todas as coisas são movidas e através dEle que recebem o seu ser. Agora, Macário, verdadeiro amante de Cristo, devemos dar um passo a mais na fé de nossa sagrada religião e considerar também como o Verbo se fêz homem e surgiu entre nós.

Para tratar destes assuntos é necessário primeiro que nos lembremos do que já foi dito. Deves entender por que o Verbo do Pai, tão grande e tão elevado, se manifestou em forma corporal. Ele não assumiu um corpo como algo condizente com a sua própria natureza, mas, muito ao contrário, na medida em que Ele é Verbo, Ele é sem corpo. Manifestou-se em um corpo humano por esta única razão, por causa do amor e da bondade de seu Pai, pela salvação de nós homens. Começaremos, portanto, com a criação do mundo e com Deus seu Criador, pois o primeiro fato que deves entender é este: a renovação da Criação foi levada a efeito pelo mesmo Verbo que a criou em seu início.

Em relação à criação do Universo e à criação de todas as coisas têm havido uma diversidade de opiniões, e cada pessoa tem proposto a teoria que bem lhe apraz. Por exemplo, alguns dizem que todas as coisas são auto originadas e, por assim dizer, totalmente ao acaso. Entre estes estão os Epicúreos, os quais negam terminantemente que haja alguma Inteligência anterior ao Universo.

Outros fazem seu o ponto de vista expressado por Platão, aquele gigante entre os Gregos. Ele disse que Deus fêz todas as coisas da matéria pre-existente e incriada, assim como o carpinteiro faz as suas obras da madeira que já existe. Mas os

que sustentam esta opinião não se dão conta que negar que Deus seja Ele próprio a causa da matéria significa atribuir-Lhe uma limitação, assim como é indubitavelmente uma limitação por parte do carpinteiro que ele não possa fazer nada a não ser que lhe esteja disponível a madeira.

Então, finalmente, temos a teoria dos Gnósticos, que inventaram para si mesmos um Artífice de todas as coisas, outro que não o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Estes simplesmente fecham os seus olhos para o sentido óbvio das Sagradas Escrituras.

Tais são as noções que os homens têm elaborado. Mas pelo divino ensinamento da fé cristã nós sabemos que, pelo fato de haver uma Inteligência anterior ao Universo, este não se originou a si mesmo; por ser Deus infinito, e não finito, o Universo não foi feito de uma matéria pré-existente, mas do nada e da absoluta e total não existência, de onde Deus o trouxe ao ser através do Verbo. Ele diz, neste sentido, no Gênesis: "No início Deus criou o Céu e a Terra"; e novamente, através daquele valiosíssimo livro ao qual chamamos "O Pastor": "Crêde primeiro e antes de tudo o mais que há apenas um só Deus o qual criou e ordenou a todas as coisas trazendo-as da não existência ao ser."

Paulo também indica a mesma coisa quando nos diz: "Pela fé conhecemos que o mundo foi formado pela Palavra de Deus, de tal modo que as coisas visíveis provieram das coisas invisíveis". (Heb. 11, 3)

Pois Deus é bom, ou antes, Ele é a fonte de toda a bondade, e é impossível por isso que Ele deva algo a alguém. Não devendo a existência a ninguém, Ele criou a todas as coisas do nada mediante seu próprio Verbo, nosso Senhor Jesus Cristo, e de todas as suas criaturas terrenas ele reservou um cuidado especial para a raça humana. A eles que, como animais, eram essencialmente impermanentes, Deus concedeu uma graça de que as demais criaturas estavam privadas, isto é, a marca de sua própria Imagem, uma participação no ser racional do próprio Verbo, de tal modo que, refletindo-O, eles mesmos se tornariam racionais expressando a Inteligência de Deus tanto quanto o próprio Verbo, embora em grau limitado. Deste modo,

os homens poderiam continuar para sempre na bem aventurada e única verdadeira vida dos santos no paraíso. Como a vontade do homem poderia, porém, voltar-se para vários caminhos, Deus assegurou-lhes esta graça que lhes havia concedido condicionando-a desde o início a duas coisas. Se eles guardassem a graça e retivessem o amor de sua inocência original, então a vida do paraíso seria sua, sem tristeza, dor ou cuidados, e após ela haveria a certeza da imortalidade no céu. Mas se eles se desviassem do caminho e se tornassem vis, desprezando seu direito natal à beleza, então viriam a cair sob a lei natural da morte e viveriam não mais no paraíso, mas, morrendo fora dele, continuariam na morte e na corrupção. Isto é o que a Sagrada Escritura nos ensina, ao proclamar a ordem de Deus: "De todas as árvores que estão no jardim vós certamente comereis, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não haveis de comer, pois certamente haveis de morrer".

"Certamente haveis de morrer", isto é, não apenas morrereis, mas permanecereis no estado de morte e corrupção.

Estarás talvez a divagar por que motivo estamos discutindo a origem do homem se nos propusemos a falar sobre o Verbo que se fez homem. O primeiro assunto é de importância para o último por este motivo: foi justamente o nosso lamentável estado que fez com que o Verbo se rebaixasse, foi nossa transgressão que tocou o seu amor por nós. Pois Deus havia feito o homem daquela maneira e havia querido que ele permanecesse na incorrupção. Os homens, porém, tendo voltado da contemplação de Deus para o mal que eles próprios inventaram, caíram inevitavelmente sob a lei da morte. Em vez de permanecerem no estado em que Deus os havia criado, entraram em um processo de uma completa degeneração e a morte os tomou inteiramente sob o seu domínio. Pois a transgressão do mandamento os estava fazendo retornarem ao que eles eram segundo a sua natureza, e assim como no início eles haviam sido trazidos ao ser a partir da não existência, passaram a trilhar, pela degeneração, o caminho de volta para a não existência. A presença e o amor do Verbo os havia chamado ao ser; inevitavelmente, então, quando eles perderam o conhecimento de Deus, juntamente com este eles perderam

também a sua existência. Pois é somente Deus que existe, o mal é o não-ser, a negação e a antítese do bem. Pela natureza, de fato, o homem é mortal, já que ele foi feito do nada; mas ele traz também consigo a Semelhança dAquele Que É, e se ele preservar esta Semelhança através da contemplação constante, então sua natureza seria despojada de seu poder e ele permaneceria indegenerescente. De fato, é isto o que vemos escrito no Livro da Sabedoria:

"A observância de Suas Leis é a garantia da imortalidade". (Sab. 6, 18)

E, incorrompido, o homem seria como Deus, conforme o diz a própria Escritura, onde afirma: "Eu disse: `Sois deuses, e todos filhos do Altíssimo. Mas vós como homens morrereis, caireis como um príncipe qualquer". (Salmo 81, 6)

Esta, portanto, era a condição do homem. Deus não apenas o havia feito do nada, mas também lhe tinha graciosamente concedido a Sua própria vida pela graça do Verbo. Os homens, porém, voltando-se das coisas eternas para as coisas corruptíveis, pelo conselho do demônio, se tornaram a causa de sua própria degeneração para a morte, porque, conforme dissemos antes, embora eles fossem por natureza sujeitos à corrupção, a graça de sua união com o Verbo os tornava capazes de escapar na lei natural, desde que eles retivessem a beleza da inocência com a qual haviam sido criados. Isto é o mesmo que dizer que a presença do Verbo junto a eles lhes fazia de escudo, protegendo-os até mesmo da degeneração natural, conforme também o diz o Livro da Sabedoria: "Deus criou o homem para a imortalidade e como uma imagem de sua própria eternidade; mas pela inveja do demônio entrou no mundo a morte". (Sab. 2, 23)

Quando isto aconteceu os homens começaram a morrer e a corrupção correu solta entre eles, tomou poder sobre os mesmos até mais do que seria de se esperar pela natureza, sendo esta a penalidade sobre a qual Deus os havia avisado prevenindo-os acerca da transgressão do mandamento. Na verdade, em seus pecados os homens superaram todos os limites. No início inventaram a maldade; envolvendo-se desta

maneira na morte e na corrupção, passaram a caminhar gradualmente de mal a pior, não se detendo em nenhum grau de malícia, mas, como se estivessem dominados por uma insaciável apetite, continuamente inventando novo tipos de pecados. Os adultérios e os roubos se espalharam por todos os lugares, os assassinatos e as rapinas encheram a terra, a lei foi desrespeitada para dar lugar à corrupção e à injustiça, todos os tipos de iniquidades foram praticados por todos, tanto individualmente como em comum. Cidades fizeram guerra contra cidades, nações se levantaram contra nações, e toda a terra se viu repleta de divisões e lutas, enquanto cada um porfiava em superar o outro em malícia. Até os crimes contrários à natureza não foram desconhecidos, conforme no-lo diz o Apóstolo mártir de Cristo:

"Suas próprias mulheres mudaram o uso natural em outro uso, que é contra a natureza; e os homens também, deixando o uso natural da mulher, arderam nos seus desejos um para com o outro, cometendo atos vergonhosos com o seu próprio sexo, e recebendo em suas próprias pessoas a recompensa devida pela sua perversidade". (Rom. 1, 26-7)

La Trinidad

La Trinidad.

Existe, pues, una Trinidad santa y completa, de la que se afirma que es Dios, en el Padre, el Hijo y el Espíritu Santo. En ella no se encuentra ningún elemento extraño o externo; no se compone de uno que crea y de otro que es creado, sino que toda ella es creadora, consistente e indivisible por naturaleza, siendo su actividad única. El Padre hace todas las cosas por el Verbo en el Espíritu Santo: de esta manera se salva la unidad de la santa Trinidad. Así en la Iglesia se predica un solo Dios «que está sobre todos, por todos y en todos» (cf. Ef 4, 6): «sobre todos», en cuanto Padre, principio y fuente; «por todos», por el Verbo; «en todos», en el Espíritu Santo. Es una verdadera Trinidad no sólo de nombre y por pura ficción verbal, sino en verdad y realidad. Así como el Padre es el que es, así también su Verbo es el que es y Dios soberano. El Espíritu Santo no está privado de existencia real, sino que existe con verdadera realidad(...)

Unidad y distinción entre el Padre y el Hijo.

«Yo en el Padre, y el Padre en mí» (Jn 14, 10). El Hijo está en el Padre, en cuanto podemos comprenderlo, porque todo el ser del Hijo es cosa propia de la naturaleza del Padre, como el resplandor lo es de la luz, y el arroyo de la fuente. Así el que ve al Hijo ve lo que es propio del Padre, y entiende que el ser del Hijo, proviniendo del Padre, está en el Padre. Asimismo el Padre está en el Hijo, porque el Hijo es lo que es propio del Padre, a la manera como el sol está en su resplandor, la mente está en la palabra, y la fuente en el arroyo. De esta suerte, el que contempla al Hijo contempla lo que es propio de la naturaleza del Padre, y piensa que el Padre está en el Hijo.

Porque la forma y la divinidad del Padre es el ser del Hijo, y, por tanto, el Hijo está en el Padre, y el Padre en el Hijo. Por esto con razón habiendo dicho primero «Yo y el Padre somos uno» (Jn 10, 30), añadió: «Yo en el Padre y el Padre en mí» (Jn 14, 10): así manifestó la identidad de la divinidad y la unidad de su naturaleza.

Sin embargo, son uno pero no a la manera con que una cosa se divide luego en dos, que no son en realidad más que una; ni tampoco como una cosa que tiene dos nombres, como si la misma realidad en un momento fuera Padre y en otro momento Hijo. Esto es lo que pensaba Sabelio, y fue condenado como hereje. Se trata de dos realidades, de suerte que el Padre es Padre, y no es Hijo; y el Hijo es Hijo, y no es Padre. Pero su naturaleza es una, pues el engendrado no es desemejante con respecto al que engendra, ya que es su imagen, y todo lo que es del Padre es del Hijo. Por esto el Hijo no es otro dios, pues no es pensado fuera (del Padre): de lo contrario, si la divinidad se concibiera fuera del Padre, habría sin duda muchos dioses. El Hijo es «otro» en cuanto es engendrado, pero es del mismo» en cuanto es Dios. El Hijo y el Padre son una sola cosa en cuanto que tienen una misma naturaleza propia y peculiar, por la identidad de la divinidad única. También el resplandor es luz, y no es algo posterior al sol, ni una luz distinta, ni una participación de él, sino simplemente algo engendrado de él: ahora bien, una realidad así engendrada es necesariamente una única luz con el sol, y nadie dirá que se trata de dos luces, aunque el sol y su resplandor sean dos realidades: una es la luz del sol, que brilla por todas partes en su propio resplandor. Así también, la divinidad del Hijo es la del Padre, y por esto es indivisible de ella. Por esto Dios es uno, y no hay otro fuera de él. Y siendo los dos uno, y única su divinidad, se dice del Hijo lo mismo que se dice del Padre, excepto el ser Padre.

El Verbo no fue hecho como medio para crear.

El Verbo de Dios no fue hecho a causa de nosotros, sino más bien nosotros fuimos hechos a causa de él, y en él fueron creadas todas las cosas (Col 1, 16). No fue hecho a causa de nuestra debilidad—siendo él fuerte—por el Padre, que existía hasta entonces solo, a fin de servirse de él como de instrumento para crearnos. En manera alguna podría ser así. Porque aunque Dios se hubiese complacido en no hacer creatura alguna, sin embargo el Verbo no por ello hubiera dejado de estar en Dios, y el Padre de estar en él. Con todo no era posible que las cosas creadas se hicieran sin el Verbo, y así es obvio que se hicieran por él. Pues ya que el Hijo es el Verbo propio de la naturaleza sustancial de Dios, y procede de él y está en él(...) era imposible que la creación se hiciera sin él. Es como la luz que ilumina con su resplandor todas las cosas, de suerte que nada puede iluminarse si no es por el resplandor. De la misma manera el Padre creó con su Verbo, como si fuera su mano, todas las cosas, y sin él nada hace. Como nos recuerda Moisés, dijo Dios: «Hágase la luz», «Congréguese las aguas» (Gén 1, 3 y 9)(...), y habló, no a la manera humana, como si hubiera allí un obrero para oír, el cual enterándose de la voluntad del que hablaba fuera a ejecutarla. Esto sería propio del orden creado, pero indigno de que se atribuya al Verbo. Porque el Verbo de Dios es activo y creador, siendo él mismo la voluntad del Padre. Por eso no dice la sagrada Escritura que hubiera quien oyera y contestara cómo y con qué propiedades quería que se hiciera lo que se tenía que hacer, sino que Dios dijo únicamente «Hágase», y al punto se añade «Y así fue hecho». Lo que quería con su voluntad, al punto fue hecho y terminado por el Verbo(...) Basta el querer, y la cosa está hecha. Así la palabra «dijo» es para nosotros el indicador de la divina voluntad, mientras que la palabra «y así fue hecho» indica la obra realizada por su Verbo y su sabiduría, en la cual se halla también incluida la voluntad del Padre(...)

Unidad de naturaleza en el Padre y el Hijo.

Ya que él es el Verbo de Dios y su propia sabiduría, y, siendo su resplandor, está siempre con el Padre, es imposible que si el Padre comunica gracia no se la comunique a su Hijo, puesto que el Hijo es en el Padre como el resplandor de la luz. Porque no por necesidad, sino como un Padre, en virtud de su propia sabiduría fundó Dios la tierra e hizo todas las cosas por medio del Verbo que de él procede, y establece por el Hijo el santo lavatorio del bautismo. Porque donde está el Padre está el Hijo, de la misma manera que donde está la luz allí está su resplandor. Y así como lo que obra el Padre lo realiza por el Hijo. y el mismo Señor dice: «Lo que veo obrar al Padre lo hago también yo», así también cuando se confiere el bautismo, a aquel a quien bautiza el Padre lo bautiza también el Hijo, y el que es bautizado por el Hijo es perfeccionado en el Espíritu Santo. Además, así como cuando alumbrado el sol se puede decir también que es su resplandor el que ilumina, ya que la luz es única y no puede dividirse ni partirse, así también, donde está o se nombra al Padre allí está también indudablemente el Hijo; y puesto que en el bautismo se nombra al Padre, hay que nombrar igualmente con él al Hijo.

La eterna generación del Hijo.

Es exacto decir que el Hijo es vástago eterno del Padre. Porque la naturaleza del Padre no fue en momento alguno imperfecta, de suerte que pudiera sobrevenirle luego lo que es propio de ella. El Hijo no fue engendrado como se engendra un hombre de otro hombre, de forma que la existencia del padre es anterior a la del hijo. El hijo es vástago de Dios, y siendo Hijo del Dios que existe eternamente, él mismo es eterno. Es propio del hombre, a causa de la imperfección de su naturaleza, engendrar en el tiempo: pero Dios engendra eternamente, porque su naturaleza es perfecta desde siempre(...) Lo que es engendrado del Padre es su Verbo, su sabiduría y su resplandor, y hay que decir que los que afirman que había un tiempo en que no existía el Hijo son como ladrones que roban a Dios su propio Verbo, y se declaran contrarios a él diciendo

que durante un tiempo no tuvo ni Verbo ni sabiduría, y que la luz hubo tiempo en que no tuvo resplandor, y la fuente hubo tiempo en que era estéril y seca. En realidad simulan evitar la palabra «tiempo» a causa de los que se lo reprochan, y dicen que el Verbo existía «antes de los tiempos». Sin embargo, determinan un cierto «periodo» en el cual imaginan que el Verbo no existía, con lo cual introducen igualmente la noción de tiempo: y así, al admitir un Dios sin Logos o Verbo, muestran su extraordinaria impiedad.

La eternidad del Padre implica la filiación eterna.

Dios existe desde la eternidad: y si el Padre existe desde la eternidad, también existe desde la eternidad lo que es su resplandor, es decir, su Verbo. Además, Dios, «el que es», tiene de si mismo el que es su Verbo: el Verbo no es algo que antes no existía y luego vino a la existencia, ni hubo un tiempo en que el Padre estuviera sin Logos (alogs). La audacia dirigida contra el Hijo llega a tocar con su blasfemia al mismo Padre, ya que lo concibe sin Sabiduría, sin Logos, sin Hijo(...) Es como si uno, viendo el sol, preguntara acerca de su resplandor: ¿Lo que existe primero hace lo que no existe o lo que ya existe? El que pensara así sería tenido por insensato, pues sería locura pensar que lo que procede totalmente de la luz es algo extrínseco a ella, y pregunta cuándo, dónde y cómo fue dicho. Lo mismo ocurre con el que pregunta tales cosas acerca del Hijo y del Padre. Al hacer tales preguntas muestra una locura todavía mayor, pues supone que el Logos del Padre es algo externo a él, e imagina como en sombras que lo que es generación de la naturaleza divina es una cosa creada, afirmando que «no existía antes de ser engendrado». Oigan, pues, la respuesta a su pregunta: El Padre, que existe (eternamente), hizo al Hijo con la misma existencia(...) Mas, decidnos vosotros, los arrianos(...): ¿El que es, tuvo necesidad del que no era para crear todas las cosas, o necesitó de él cuando ya era? Porque está en vuestros dichos que el Padre se hizo para si al Hijo de la nada, como instrumento para crear con él todas las cosas. Ahora bien,

¿quien es superior, el que tiene necesidad de algo o el que viene a colmar esta necesidad? ¿O es que ambos satisfacen mutuamente sus respectivas necesidades? Si decís esto, mostráis la debilidad de aquel que hubo de buscarse un instrumento por no poder por si mismo hacer todas las cosas(...) Este es el colmo de la impiedad(...)

Los errores de Arrio.

Las lindezas aborrecibles y llenas de impiedad que resuenan en la Talia, de Arrio, son de este jaez: Dios no fue Padre desde siempre, sino que hubo un tiempo en que Dios estaba solo y todavía no era Padre; más adelante llegó a ser Padre. El Hijo no existía desde siempre, pues todas las cosas han sido hechas de la nada, y todo ha sido creado y hecho: el mismo Verbo de Dios ha sido hecho de la nada y había un tiempo en que no existía. No existía antes de que fuera hecho, y él mismo tuvo comienzo en su creación. Porque, según Arrio, sólo existía Dios, y no existían todavía ni el Verbo ni la Sabiduría. Luego, cuando quiso crearnos a nosotros, hizo entonces a alguien a quien llamó Verbo, Sabiduría e Hijo, a fin de crearnos a nosotros por medio de él. Y dice que existen dos sabidurías: una la cualidad propia de Dios, y la otra el Hijo, que fue hecha por aquella sabiduría, y que sólo en cuanto que participa de ella se llama Sabiduría y Verbo. Según él, la Sabiduría existe por la sabiduría, por voluntad del Dios sabio. Asimismo dice que en Dios se da otro Logos fuera del Hijo, y que por participar de él el Hijo se llama él mismo Verbo e Hijo por gracia. Es opción particular de esta herejía, manifestada en otros de sus escritos, que existen muchas virtudes, de las cuales una es por naturaleza propia de Dios y eterna; pero Cristo no es la verdadera virtud de Dios, sino que él es también una de las llamadas virtudes—entre las que se cuentan la langosta y la oruga—, aunque no es una simple virtud, sino que se la llama grande. Pero hay otras muchas semejantes al Hijo, y David se refirió a ellas en el salmo llamándole «Señor de las virtudes» (Sal 23, 10). El mismo Verbo es por naturaleza, como todas las

cosas, mudable, y por su propia voluntad permanece bueno mientras quiere: pero cuando quiere, puede mudar su elección. lo mismo que nosotros, pues es de naturaleza mudable. Precisamente por eso, según Arrio, previendo Dios que iba a permanecer en el bien, le dio de antemano aquella gloria que luego había de conseguir siendo hombre por su virtud. De esta suerte Dios hizo al Verbo en un momento dado tal como correspondía a sus obras, que Dios había previsto de antemano. Asimismo se atrevió a decir que el Verbo no es Dios verdadero, pues aunque se le llame Dios, no lo es en sentido propio, sino por participación, como todos los demás(...) Todas las cosas son extrañas y desemejantes a Dios por naturaleza, y así también el Verbo es extraño y desemejante en todo con respecto a la esencia y a las propiedades del Padre, pues pertenece a las cosas engendradas, siendo una de ellas(...)

En qué sentido es exaltado el Verbo, y nosotros con él.

El Apóstol escribe a los filipenses: «Sentid entre vosotros lo mismo que Jesucristo, el cual siendo Dios por su propia condición(...) y toda lengua proclame que Jesucristo es Señor, para gloria de Dios Padre» (Flp 2, 5-11). ¿Qué podía decirse más claro y más explícito? Cristo no pasó de ser menos a ser más, sino al contrario, siendo Dios, tomó la forma de esclavo, y al tomarla no mejoró su condición, sino que se abajó. ¿Dónde se encuentra aquí la supuesta recompensa de su virtud? ¿Qué progreso o qué elevación hay en este abajarse? Si siendo Dios se hizo hombre, y si al bajar de la altura se dice que es exaltado, ¿adónde será exaltado siendo ya Dios? Siendo Dios el Altísimo, es evidente que su Verbo es también necesariamente altísimo. ¿Qué mayor exaltación pudo recibir el que ya está en el Padre y es en todo semejante al Padre? No tiene necesidad de ningún incremento, ni es tal como lo imaginan los arrianos. Está escrito que el Verbo tuvo antes que abajarse para poder ser exaltado. ¿Qué necesidad tenía de abajarse para conseguir así lo que ya tenía antes? ¿Qué don tenía que recibir el que es dador de todo don?(...) Esto no es enigma, sino misterio de

Dios: «En el principio existía el Verbo, y el Verbo estaba en Dios, y el Verbo era Dios» (Jn 1, 1). Pero luego, este Verbo se hizo carne por nuestra causa. Y cuando allí se dice «fue exaltado», se indica no una exaltación de la naturaleza del Verbo, puesto que ésta era y es eternamente idéntica con Dios, sino una exaltación de la humanidad. Estas palabras se refieren al Verbo ya hecho carne, y con ello está claro que ambas expresiones «se humilló» y «fue exaltado» se refieren al Verbo humanado. En el aspecto bajo el que fue humillado, en el mismo podrá ser exaltado, Y si está escrito que «se humilló» con referencia a la encarnación, es evidente que «fue exaltado» también con referencia a la misma. Como hombre tenía necesidad de esta exaltación, a causa de la bajeza de la carne y de la muerte. Siendo imagen del Padre y su Verbo inmortal, tomó la forma de esclavo, y como hombre soportó en su propia carne la muerte, para ofrecerse así a sí mismo como ofrenda al Padre en favor nuestro. Y así también, como hombre, está escrito que fue exaltado por nosotros en Cristo, así también todos nosotros en Cristo somos exaltados, y resucitados de entre los muertos y elevados a los cielos «en los que penetró Jesús como precursor nuestro» (Heb 6, 20).

Nuestras relaciones con Dios, el Hijo y el Espíritu.

¿Cómo podemos nosotros estar en Dios, y Dios en nosotros?
¿Cómo nosotros formamos una cosa con él? ¿Cómo se distingue el Hijo en cuanto a su naturaleza de nosotros?(...) Escribe, pues, Juan lo siguiente: «En esto conocemos que permanecemos en él, y él en nosotros, en que nos ha dado de su Espíritu» (1 Jn 4, 13). Así pues, por el don del Espíritu que se nos ha dado estamos nosotros en él y él en nosotros. Puesto que el Espíritu es de Dios, cuando él viene a nosotros con razón pensamos que al poseer el Espíritu estamos en Dios. Así está Dios en nosotros: no a la manera como el Hijo está en el Padre estamos también nosotros en el Padre, porque el Hijo no participa del Espíritu ni está en el Padre, por medio del Espíritu; ni recibe tampoco el Espíritu: al contrario, más bien lo distribuye a todos. Ni

tampoco el Espíritu junta al Verbo con el Padre, sino que al contrario, el Espíritu es receptivo con respecto al Verbo. El Hijo está en el Padre como su propio Verbo y como su propio resplandor: nosotros, en cambio, si no fuera por el Espíritu, somos extraños y estamos alejados de Dios, mientras que por la participación del Espíritu nos religamos a la divinidad. Así pues, el que nosotros estemos en el Padre no es cosa nuestra, sino del Espíritu que está en nosotros y permanece en nosotros todo el tiempo en que por la confesión (de fe) lo guardamos en nosotros, como dice también Juan: Si uno confiesa que Jesús es el Hijo de Dios, Dios permanece en él, y él en Dios» (I Jn 4, 15). ¿En qué, pues, nos asemejamos o nos igualamos al Hijo?(...) Una es la manera como el Hijo está en el Padre, y otra la manera como nosotros estamos en el Padre. Nosotros no seremos jamás como el Hijo, ni el Verbo será como nosotros, a no ser que se atrevan a decir(...) que el Hijo está en el Padre por participación del Espíritu y por merecimiento de sus obras, cosa cuyo solo pensamiento muestra impiedad extrema. Como hemos dicho, es el Verbo el que se comunica al Espíritu, y todo lo que el Espíritu tiene, lo tiene del Verbo(...).

Los sacramentos

El Bautismo.

Los arrianos corren el peligro de perder la plenitud del sacramento del bautismo. En efecto, la iniciación se confiere en nombre del Padre y del Hijo; pero ellos no expresan al verdadero Padre, ya que niegan al que procede de él y es semejante a él en sustancia; y niegan también al verdadero Hijo, pues mencionan a otro creado de la nada, que ellos se han inventado. El rito que ellos administran ha de ser totalmente vacío y estéril, y aunque mantenga la apariencia es en realidad inútil desde el punto de vista religioso. Porque ellos no bautizan realmente en el Padre y en el Hijo, sino en el Creador y en la criatura, en el Hacedor y en su obra. Pero, siendo la criatura otra cosa distinta del Hijo, el bautismo que ellos pretenden administrar es distinto del bautismo verdadero, por más que profesen nombrar al Padre y al Hijo de acuerdo con la Escritura. No basta para conferir el bautismo decir: «¡Oh Señor!», sino que hay que tener al mismo tiempo la recta fe. Y ésta fue la razón por la que nuestro Salvador no mandó simplemente bautizar, sino que dijo primero: «Enseñad». y sólo luego: «Bautizad en el nombre del Padre y del Hijo y del Espíritu Santo». Porque de la instrucción nace la recta fe, y una vez se da la fe puede realizarse la iniciación del bautismo... (22).

La celebración pascual de la eucaristía.

Hermanos, después que el enemigo que tenía tiranizado al universo ha sido destruido, ya no celebramos una fiesta temporal, sino eterna y celestial; ya no anunciamos aquel hecho con figuras, sino que en realidad lo vivimos. Antes celebraban los judíos esta fiesta comiendo la carne de un

cordero sin mancha y untando con su sangre sus jambas para ahuyentar al exterminador. Pero ahora comemos la Palabra del Padre y señalamos los labios de nuestro corazón con la sangre del Nuevo Testamento, reconociendo la gracia que nos ha hecho el Salvador diciendo: «Os he dado poder de andar sobre las serpientes y las víboras y sobre todo poder de enemigo» (Lc 10, 19)... Por lo demás, amadísimos míos, es sabido que los que celebramos esta fiesta no hemos de llevar vestidos sucios sobre nuestras conciencias, sino que nos hemos de adornar con vestidos absolutamente limpios para este día de nuestro Señor Jesús, a fin de poder realmente estar en la fiesta con él. Nos vestimos así cuando amamos la virtud y aborrecemos el vicio; cuando guardamos la castidad y evitamos la lujuria; cuando preferimos la justicia a la iniquidad; cuando nos contentamos con las cosas necesarias y nos entregamos más bien a fortalecer nuestra alma; cuando no nos olvidamos de los pobres, sino que estamos determinados a que nuestras puertas estén abiertas para cualquiera; cuando nos esforzamos por humillar nuestro ánimo y detestar la soberbia...(23).

La eucaristía, alimento espiritual.

En el Evangelio de Juan he observado lo que sigue. Cuando habla de que su cuerpo será comido, y ve que a causa de esto muchos se escandalizan, dice el Señor: «¿Esto os escandaliza? ¿Qué sería si vieseis al Hijo del hombre bajando de allí donde estaba al principio? El Espíritu es lo que vivifica: la carne no aprovecha para nada. Las palabras que yo os he hablado son espíritu y vida» (Jn 6, 62-64). En esta ocasión dice acerca de sí mismo ambas cosas: que es espíritu y que es carne; y distingue al espíritu de lo que es según la carne, para que creyendo no sólo lo visible, sino lo invisible que había en él, aprendan que lo que él dice no es carnal, sino espiritual. ¿Para alimentar a cuántos hombres sería su cuerpo suficiente? Pero tenía que ser alimento para todo este mundo. Por esto les menciona la ascensión al cielo del Hijo del hombre, a fin de sacarlos de su mentalidad corporal y hacerles aprender en adelante que la

carne que él llama comida viene de arriba, del cielo, y que el alimento que les va a dar es espiritual. Les dice: «Lo que os he hablado es espíritu y vida» (Jn 6, 64), que es lo mismo que decir: lo que aparece y lo que es entregado para salvación del mundo es la carne que yo tengo, pero esta misma carne con su sangre, yo os la daré a vosotros como alimento de una manera espiritual. O sea que es de una manera espiritual como esta carne se da a cada uno, y se hace así para cada uno prenda de la resurrección de la vida eterna... (24).

El misterio de la eucaristía.

Verás a los ministros que llevan pan y una copa de vino, y lo ponen sobre la mesa; y mientras no se han hecho las invocaciones y súplicas, no hay más que puro pan y bebida. Pero cuando se han acabado aquellas extraordinarias y maravillosas oraciones, entonces el pan se convierte en el cuerpo y el cáliz en la sangre de nuestro Señor Jesucristo... Consideremos el momento culminante de estos misterios: este pan y este cáliz, mientras no se han hecho las oraciones y súplicas, son puro pan y bebida; pero así que se han proferido aquellas extraordinarias plegarias y aquellas santas súplicas, el mismo Verbo baja hasta el pan y el cáliz, que se convierten en su cuerpo(25).

La práctica de la penitencia.

De la misma manera que un hombre al ser bautizado por un sacerdote es iluminado con la gracia del Espíritu Santo, así también el que hace confesión arrepentido recibe mediante el sacerdote el perdón por gracia de Cristo(26).

Los que han blasfemado contra el Espíritu Santo o contra la divinidad de Cristo diciendo: «Por Beelzebub, príncipe de los

demonios, expulsa los demonios» (Lc 11, 15) no alcanzan perdón ni en este mundo ni en el futuro. Pero hay que hacer notar que no dijo Cristo que el que hubiera blasfemado y se hubiese arrepentido no habría de alcanzar perdón, sino el que estuviera en blasfemia, es decir, permaneciera en la blasfemia. Porque la condigna penitencia borra todos los pecados... La blasfemia contra el Espíritu es la falta de fe (apistía), y no hay otra manera para perdonarla si no es la vuelta a la fe: el pecado de ateísmo y de falta de fe no alcanzará perdón ni en este mundo ni en el futuro(27).

Notas

(22) *Contra Ar.* II, 42-43.

(23) ATANASIO, *Epistula festalis*, IV, 3.

(24) *Ad Serap.* IV, 19.

(25) *Fragm. de un sermón a los bautizados.*

(26) *Fragm. contra Novat,*

(27) *Fragm. in Mt.*

Cristo Redentor

El Verbo «se hizo hombre», no «vino a un hombre»

(El Verbo) se hizo hombre, no vino a un hombre. Esto es preciso saberlo, no sea que los herejes se agarren a esto y engañen a algunos, llegando a creer que así como en los tiempos antiguos el Verbo venía a los diversos santos, así también ahora ha puesto su morada en un hombre y lo ha santificado, apareciéndose como en el caso de aquellos. Si así fuera, es decir si sólo se manifestara en un puro hombre, no habría nada paradójico para que los que le veían se extrañaran y dijeran: «¿De dónde es éste?» (Mc 4, 41) y: «Porque, siendo hombre, te haces Dios» (Jn 10, 33). Porque ya estaban acostumbrados a oír: El Verbo de Dios vino a tal o cual profeta. Pero ahora, el Verbo de Dios, por el que hizo todas las cosas, consintió en hacerse Hijo del hombre, y se humilló, tomando forma de esclavo. Por esto la cruz de Cristo es escándalo para los judíos, mientras que para nosotros Cristo es la fuerza de Dios y la sabiduría de Dios. Porque, como dijo Juan: «El Verbo se hizo carne...» (Jn 1, 14), y la Escritura acostumbra a llamar «carne» al «hombre» ...Antiguamente el Verbo venía a los diversos santos, y santificaba a los que le recibían como convenía. Sin embargo, no se decía al nacer aquellos que el Verbo se hiciera hombre, ni que padeciera cuando ellos padecieron. Pero cuando al fin de los tiempos vino de manera singular, nacido de Maria, para la destrucción del pecado... entonces se dice que tomando carne se hizo hombre, y que en su carne padeció por nosotros (cf. I Pe 4, 1). Así se manifestaba, de suerte que todos lo creyésemos, que el que era Dios desde toda la eternidad y santificaba a aquellos a quienes visitaba, ordenando según la voluntad del Padre todas las cosas, más adelante se hizo hombre por nosotros; y, como dice el Apóstol, hizo que la divinidad habitase en la carne de manera corporal (cf. Col 2, 9); lo cual equivale a decir que, siendo Dios, tuvo un cuerpo propio que utilizaba como instrumento suyo, haciéndose así hombre por nosotros. Por esto se dice de él lo

que es propio de la carne, puesto que existía en ella, como, por ejemplo, que padecía hambre, sed, dolor, cansancio, etc., que son afecciones de la carne. Por otra parte, las obras propias del Verbo, como el resucitar a los muertos, dar vista a los ciegos, curar a la hemorroisa, las hacía él mismo por medio de su propio cuerpo. El Verbo soportaba las debilidades de la carne como propias, puesto que suya era la carne; la carne, en cambio, cooperaba a las obras de la divinidad, pues se hacían en la carne... De esta suerte, cuando padecía la carne, no estaba el Verbo fuera de ella, y por eso se dice que el Verbo padecía. Y cuando hacía las obras del Padre a la manera de Dios, no estaba la carne ausente, sino que el Señor hacía aquellas cosas asimismo en su propio cuerpo. Y por esto, hecho hombre, decía: «Si no hago las obras de mi Padre, no me creáis, pero si las hago, aunque no me creáis a mí, creed a mis obras y reconoced que el Padre está en mí y yo en el Padre» (Jn 10, 37-8). Cuando fue necesario curar de su fiebre a la suegra de Pedro, extendió la mano como hombre, pero curó la dolencia como Dios. De manera semejante, cuando curó al ciego de nacimiento, echó la saliva humana de su carne, pero en cuanto Dios le abrió los ojos con el lodo... Así hacía Él las cosas, mostrando con ello que tenía un cuerpo, no aparente, sino real. Convenía que el Señor, al revestirse de carne humana, se revistiese con ella tan totalmente que tomase todas las afecciones que le eran propias, de suerte que así como decimos que tenía su propio cuerpo, así también se pudiera decir que eran suyas propias las afecciones de su cuerpo, aunque no las alcanzase su divinidad. Si el cuerpo hubiese sido de otro, sus afecciones serían también de aquel otro. Pero si la carne era del Verbo, pues «el Verbo se hizo carne» (Jn 1, 14), necesariamente hay que atribuirle también las afecciones de la carne, pues suya es la carne. Y al mismo a quien se le atribuyen los padecimientos—como el ser condenado, azotado, tener sed, ser crucificado y morir—, a él se atribuye también la restauración y la gracia. Por esto se afirma de una manera lógica y coherente que tales sufrimientos son del Señor y no de otro, para que también la gracia sea de él, y no nos convirtamos en adoradores de otro, sino del verdadero Dios. No invocamos a creatura alguna, ni a hombre común alguno, sino al hijo verdadero y

natural de Dios hecho hambre, el cual no por ello es menos Señor, Dios y Salvador(10).

La unión de la humanidad y la divinidad en Cristo.

Nosotros no adoramos a una criatura. Lejos de nosotros tal pensamiento, que es un error más bien propio de paganos y de arrianos. Lo que nosotros adoramos es el Señor de la creación hecho hombre, el Verbo de Dios. Porque aunque en si misma la carne sea una parte de la creación, se ha convertido en el cuerpo de Dios. Nosotros no separamos el cuerpo como tal del Verbo, adorándolo por separado, ni tampoco al adorar al Verbo lo separamos de la carne, sino que sabiendo que «el Verbo se hizo carne», le reconocemos como Dios aun cuando está en la carne(11).

El Verbo, al tomar nuestra carne, se constituye en pontífice de nuestra fe.

«Hermanos santos, participes de una vocación celestial, considerad el apóstol y pontífice de vuestra religión, Jesús, que fue fiel al que le había hecho» (Heb 3, 1-2). ¿Cuándo fue enviado como apóstol, sino es cuando se vistió de nuestra carne? ¿Cuándo fue constituido pontífice de nuestra religión, si no es cuando habiéndose ofrecido por nosotros resucitó de entre los muertos en su cuerpo, y ahora a los que se le acercan con la fe los lleva y los presenta al Padre, redimiéndolos a todos y haciendo propiciación por todos delante de Dios? No se refería el Apóstol a la naturaleza del Verbo ni a su nacimiento del Padre por naturaleza cuando decía «que fue fiel al que le había hecho». De ninguna manera. El Verbo es el que hace, no el que es hecho. Se refería a su venida entre los hombres y al pontificado que fue entonces creado. Esto se puede ver claramente a partir de la historia de Aarón en la ley. Aarón no

había nacido pontífice, sino simple hombre. Con el tiempo, cuando quiso Dios, se hizo pontífice... poniéndose sobre sus vestidos comunes el ephod, el pectoral y la túnica, que las mujeres habían elaborado por mandato de Dios. Con estos ornamentos entraba en el lugar sagrado y ofrecía el sacrificio en favor del pueblo... De la misma manera, el Señor «en el principio era el Verbo, y el Verbo estaba en Dios y el Verbo era Dios» (Jn 1, 1). Pero cuando quiso el Padre que se ofreciera rescate por todos y que se hiciera gracia a todos, entonces, de la misma manera que Aarón tomó la túnica, tomó el Verbo la carne de la tierra, y tuvo a María como madre a la manera de tierra virgen, a fin de que como pontífice se ofreciera a sí mismo al Padre, purificándonos a todos con su sangre de nuestros pecados y resucitándonos de entre los muertos. Lo antiguo era una sombra de esto. De lo que hizo el Salvador en su venida, Aarón había ya trazado una sombra en la ley. Y así como Aarón permaneció el mismo y no cambió cuando se puso los vestidos sacerdotales... así también el Señor... no cambió al tomar carne, sino que siguió siendo el mismo, aunque oculto bajo la carne. Cuando se dice, pues, que «fue hecho», no hay que entenderlo del Verbo en cuanto tal... El Verbo es creador, pero luego es hecho pontífice al revestirse de un cuerpo hecho y creado, que pudiera ofrecer por nosotros: en este sentido se dice que «fue hecho»... (12)

El designio de Dios creador sobre el hombre.

Dice el utilísimo libro del Pastor (de Hermas): «Ante todo has de creer que uno es Dios, el que creó y dispuso todas las cosas, y las hizo del no ser para que fueran» (Mand. 1). Dios es bueno: mejor dicho, es la misma fuente de la bondad. Ahora bien, siendo bueno, no puede escatimar nada a nadie. Por esto no escatimó la existencia de nada, sino que a todas las cosas las hizo de la nada por medio de su propia Palabra, nuestro Señor Jesucristo. Y entre todas ellas tuvo en primer lugar particular benevolencia para con el linaje humano, y viendo que según su propia condición natural los hombres no podían permanecer

indefinidamente, les dio además un don particular: no los creó simplemente como a los demás animales irracionales de la tierra, sino que los hizo según su propia imagen, haciéndoles participar de la fuerza de su propia Palabra (*Logos*); y así, una vez hechos partícipes de la Palabra (*logikoi*), podían tener una existencia duradera y feliz, viviendo la vida verdadera y real de los santos en el paraíso.

Pero Dios sabía también que el hombre tenía una voluntad de elección en un sentido o en otro, y tuvo providencia de que se asegurara el don que les había dado poniéndoles bajo determinadas condiciones en determinado lugar. Efectivamente, los introdujo en su propio paraíso, y les puso la condición de que si guardaban el don que tenían y permanecían buenos tendrían aquella vida propia del paraíso, sin penas, dolores ni cuidados, y además la promesa de la inmortalidad en el cielo. Por el contrario, si transgredía la condición y se pervertían haciéndose malvados, conocerían que por naturaleza estaban sujetos a la corrupción de la muerte, y ya no podrían vivir en el paraíso, sino que expulsados de él acabarían muriendo y permanecerían en la muerte y en la corrupción... (13).

«He aquí que he sido concebido en la iniquidad, y mi madre me concibió entre pecados» (Sal 50, 7). El primer plan de Dios no era que nosotros viniéramos a la existencia a través del matrimonio y de la corrupción. Fue la transgresión del precepto lo que introdujo el matrimonio, a causa de la iniquidad de Adán, es decir, de su repudio de la ley que Dios le había dado. Así pues, los que nacen de Adán son concebidos en la iniquidad e incurrir en la condena del primer padre. La expresión: «Mi madre me concibió entre pecados» significa que Eva, madre de todos nosotros, fue la primera que concibió al pecado estando como llena de placer. Por eso nosotros, cayendo en la misma condena de nuestra madre, decimos que somos concebidos entre pecados. Así se muestra cómo la naturaleza humana desde un principio, a causa de la transgresión de Eva, cayó bajo el pecado, y el nacimiento tiene lugar bajo una maldición. La explicación se remonta hasta los comienzos, a fin de que quede patente la grandeza del don de Dios... (14).

El Verbo, haciéndose hombre, diviniza a la humanidad.

«Le dio un nombre que está sobre todo nombre» (Flp 2, 9). Esto no está escrito con referencia al Verbo en cuanto tal, pues aun antes de que se hiciera hombre, el Verbo era adorado de los ángeles y de toda la creación a causa de lo que tenía como herencia del Padre. En cambio sí está escrito por nosotros y en favor nuestro: Cristo, de la misma manera que en cuanto hombre murió por nosotros, así también fue exaltado. De esta suerte está escrito que recibe en cuanto hombre lo que tiene desde la eternidad en cuanto Dios, a fin de que nos alcance a nosotros este don que le es otorgado. Porque el Verbo no sufrió disminución alguna al tomar carne, de suerte que tuviera que buscar cómo adquirir algún don sino que al contrario, divinizó la naturaleza en la cual se sumergía, haciendo con ello un mayor regalo al género humano. Y de la misma manera que en cuanto Verbo y en cuanto que existía en la forma de Dios era adorado desde siempre, así también, al hacerse hombre permaneciendo el mismo y llamándose Jesús, no tiene en menor medida a toda la creación debajo de sus pies. A este nombre se doblan para él todas las rodillas y confiesan que el hecho de que el Verbo se haya hecho carne y esté sometido a la muerte de la carne no implica nada indigno de su divinidad, sino que todo es para gloria del Padre. Porque gloria del Padre es que pueda ser recobrado el hombre que él había hecho y había perdido, y que el que estaba muerto resucite y se convierta en templo de Dios. Las mismas potestades de los cielos, los ángeles y los arcángeles, que le rendían adoración desde siempre, le adoran ahora en el nombre de Jesús, el Señor: y esto es para nosotros una gracia y una exaltación, porque el Hijo de Dios es ahora adorado en cuanto que se ha hecho hombre, y las potestades de los cielos no se extrañan de que todos nosotros penetremos en lo que es su región propia, viendo que tenemos un cuerpo semejante al de aquél. Esto no hubiera sucedido si aquel que existía en forma de Dios no hubiera tomado la forma de esclavo y se hubiera humillado hasta permitir que la muerte se apoderara de su cuerpo. He aquí como lo que humanamente era tenido como una locura de

Dios en la cruz, se convirtió en realidad en una cosa más gloriosa para todos: porque en esto está nuestra resurrección... (15).

La redención del hombre.

Nuestra culpa fue la causa de que bajara el Verbo y nuestra transgresión daba voces llamando a su bondad, hasta que logró hacerlo venir a nosotros y que el Señor se manifestara entre los hombres.

Nosotros fuimos la ocasión de su encarnación y por nuestra salvación amó a los hombres hasta tal punto que nació y se manifestó en un cuerpo humano.

Así pues, de esta forma hizo Dios al hombre y quiso que perseverara en la inmortalidad. Pero los hombres, despreciando y apartándose de la contemplación de Dios, discurrieron y planearon para sí mismo el mal... y recibieron la condenación de muerte con que habían sido amenazados de antemano. En adelante ya no tenían una existencia duradera tal como habían sido hechos, sino que, de acuerdo con lo que habían planeado, quedaron sujetos a corrupción, y la muerte reinaba y tenía poder sobre ellos. Porque la transgresión del precepto los volvió a colocar en su situación natural, de suerte que así como fueron hechos del no ser, de la misma manera quedaran sujetos a la corrupción y al no ser con el decurso del tiempo.

Porque, si su naturaleza originaria era el no ser y fueron llamados al ser por la presencia y la benignidad del Verbo, se sigue que así que los hombres perdieron el conocimiento de Dios y se volvieron hacia el no ser—porque el mal es el no ser, y el bien es el ser que procede del ser de Dios—, perdieron la capacidad de ser para siempre, es decir, que se disuelven en la muerte y la corrupción permaneciendo en ellas. Porque, por naturaleza, el hombre es mortal, ya que ha sido hecho del no ser. Mas a causa de su semejanza con «el que es», que el hombre podía conservar mediante la contemplación de él,

quedaba desvirtuada su tendencia natural a la corrupción y permanecía incorruptible, como dice la Sabiduría: «La observancia de la ley es vigor de incorrupción» (Sab 6, 18). Y puesto que era incorruptible, podía vivir en adelante a la manera de Dios, como lo insinúa en cierto lugar la Escritura: «Yo dije: sois dioses, y todos sois hijos del Altísimo. Pero vosotros, todos morís como hombres, y caéis como un jefe cualquiera» (Sal 81, 6-7).

Porque Dios no sólo nos hizo de la nada, sino que con el don de su Palabra nos dio el poder vivir como Dios. Pero los hombres se apartaron de las cosas eternas, y por insinuación del diablo se volvieron hacia las cosas corruptibles: y así, por su culpa le vino la corrupción de la muerte, pues, como dijimos, por naturaleza eran corruptibles, y sólo por la participación del Verbo podían escapar a su condición natural, si permanecían en el bien. Porque, en efecto, la corrupción no podía acercarse a los hombres a causa de que tenían con ellos al Verbo, como dice la Sabiduría: «Dios creó al hombre para la incorrupción y para ser imagen de su propia eternidad: pero por la envidia del diablo entró la muerte en el mundo» (Sab 2, 23-24). Entonces fue cuando los hombres empezaron a morir, y desde entonces la corrupción los dominó y tuvo un poder contra todo el linaje humano superior al que le correspondía por naturaleza, puesto que por la transgresión del precepto tenía en favor suyo la amenaza de Dios al hombre. Más aún, en sus pecados los hombres no se mantuvieron dentro de límites determinados, sino que avanzando poco a poco llegaron a rebasar toda medida. Primero descubrieron el mal y se atraieron sobre sí la muerte y la corrupción. Luego se entregaron a la injusticia y sobrepasaron toda iniquidad, y no pararon en una especie de mal, sino que discurrieron nuevas maneras de perpetrar toda suerte de nuevos males, de suerte que se hicieron insaciables en sus pecados. Por todas partes había adulterios, y robos, y toda la tierra estaba llena de homicidios y de rapacidades. No había ley capaz de cohibir la corrupción y la iniquidad. Todos cometían toda suerte de maldades en privado y en común: las ciudades hacían la guerra a las ciudades, y los pueblos se levantaban contra los pueblos; todo el mundo estaba dividido en luchas y disensiones y todos se emulaban en el mal...

Todo esto no hacia sino aumentar el poder de la muerte, y la corrupción seguía amenazando al hombre, y el género humano iba pereciendo. El hombre hecho según el Verbo y a imagen (de Dios) estaba para desaparecer, y la obra de Dios iba a quedar destruida. La muerte... tenia poder contra nosotros en virtud de una ley, y no era posible escapar a esta ley, habiendo sido puesta por Dios a causa de la transgresión. La situación era absurda y verdaderamente inaceptable. Era absurdo que Dios, una vez que había hablado, nos hubiera engañado, y que habiendo establecido la ley de que si el hombre traspasaba su precepto moriria, en realidad no muriese después de la transgresión, desvirtuándose así su palabra... Por otra parte era inaceptable que lo que una vez había sido hecho según el Verbo y lo que participaba del Verbo quedara destruido y volviera a la nada a través de la corrupción. Porque era indigno de la bondad de Dios que lo que era obra suya pereciera a causa del engaño del diablo en que el hombre había caído. Sobre todo, era particularmente inaceptable que la obra de Dios en el hombre desapareciera, ya por negligencia de ellos ya por el engaño del diablo... ¿Qué necesidad había de crear ya desde el principio tales seres? Mejor era no crearlos, que abandonarlos y dejarlos perecer una vez creados... Si no los hubiese creado, nadie habría pensado en atribuirlo a impotencia. Pero una vez que los hizo y los creó para que existieran, era de lo más absurdo que tales obras perecieran a la vista misma del que las había hecho... (16).

Por el Verbo se restaura en el hombre la imagen de Dios.

Si ha llegado a desaparecer la figura de un retrato sobre tabla a causa de la suciedad que se le ha acumulado, será necesario que se presente de nuevo la persona de quien es el retrato, a fin de que se pueda restaurar su misma imagen en la misma madera. La madera no se arroja, pues tenía pintada en ella aquella imagen: lo que se hace es restaurarla. De manera semejante, el Hijo santísimo del Padre, que es imagen del Padre, vino a nuestra tierra a fin de restaurar al hombre que

había sido hecho a su imagen. Por esto dijo a los judíos: «Si uno no renaciere...» (Jn 3, 5): no se refería al nacimiento de mujer, como imaginaban aquellos, sino al alma que había de renacer y ser restaurada en su imagen. Una vez que la locura idolátrica y la impiedad habían ocupado toda la tierra, y una vez que había desaparecido el conocimiento de Dios, ¿quién podía enseñar al mundo el conocimiento del Padre?... Para ello se necesitaba el mismo Verbo de Dios, que ve la mente y el corazón del hombre, que mueve todas las cosas de la creación y que por medio de ellas da a conocer al Padre. ¿Y cómo podía hacerse esto? Dirá tal vez alguno que ello podía hacerse por medio de las mismas cosas creadas, mostrando de nuevo a partir de las obras de la creación la realidad del Padre. Pero esto no era seguro, pues los hombres ya lo habían descuidado una vez, y ya no tenían los ojos levantados hacia arriba, sino dirigidos hacia abajo. Consiguientemente, cuando quiso ayudar a los hombres, se presentó como hombre y tomó para sí un cuerpo semejante al de ellos. Así les enseña a partir de las cosas de abajo, es decir, de las obras del cuerpo, de suerte que los que no querían conocerle a partir de su providencia del universo y de su soberanía, por las obras de su cuerpo conocerán al Verbo de Dios encarnado, y por medio de él al Padre. Así, como un buen maestro que se cuida de sus discípulos, a los que no podían aprovecharse de las cosas mayores, les enseña con cosas más sencillas poniéndose a su nivel... (17).

Cristo ofrece su cuerpo en sacrificio vicario por todos.

Vio el Verbo que no podía ser destruida la corrupción del hombre sino pasando absolutamente por la muerte; por otra parte, era imposible que el Verbo muriera, siendo inmortal e Hijo del Padre. Por esto tomó un cuerpo que fuera capaz de morir, a fin de que éste, hecho partícipe del Verbo que está sobre todas las cosas, fuera capaz de morir en lugar de todos y al mismo tiempo permaneciera inmortal a causa del Verbo que en él moraba. Así se imponía fin para adelante a la corrupción por la gracia de la resurrección. Así, él mismo tomó para sí un

cuerpo y lo ofreció a la muerte como hostia y víctima libre de toda mancha, y al punto, con esta ofrenda ofrecida por los otros, hizo desaparecer la muerte de todos aquellos que eran semejantes a él. Porque el Verbo de Dios estaba sobre todos, y era natural que al ofrecer su propio templo y el instrumento de su cuerpo por la vida de todos, pagó plenamente la deuda de la muerte. Y así, el Hijo incorruptible de Dios, al compartir la suerte común mediante un cuerpo semejante al de todos, les impuso a todos la inmortalidad con la promesa de la resurrección. La corrupción de la muerte ya no tiene lugar en los hombres, pues el Verbo habita en ellos a través del cuerpo de uno. Es como si el emperador fuera a una gran ciudad y se hospedara en una de sus casas: absolutamente toda la ciudad se sentiría grandemente honrada, y no habría enemigo o ladrón que la asaltara para vejarla, sino que se tendría toda ella como digna de particular protección por el hecho de que el emperador habitaba en una de sus casas. Algo así sucede con respecto al que es emperador de todo el universo. Al venir a nuestra tierra y morar en un cuerpo semejante al nuestro, hizo que en adelante cesaran todos los ataques de los enemigos contra los hombres, y que desapareciera la corrupción de la muerte que antes tenía gran fuerza contra ellos... (18).

Estando todos nosotros bajo el castigo de la corrupción y de la muerte, él tomó un cuerpo de igual naturaleza que los nuestros, y lo entregó a la muerte en lugar de todos, ofreciéndolo en sacrificio al Padre. Esto lo hizo por pura benignidad, en primer lugar a fin de que muriendo todos en él quedara abrogada la ley que condenaba a los hombres a la corrupción, ya que su fuerza quedaba totalmente agotada en el cuerpo del Señor y no le quedaba ya asidero en los hombres; y en segundo lugar para que, al haberse los hombres entregado a la corrupción, pudiera él restablecerlos en la incorrupción y resucitarlos de la muerte por la apropiación de su cuerpo y por la gracia de la resurrección, desterrando de ellos la muerte, como del fuego la paja(19).

La encarnación, principio de divinización del hombre.

Si las obras del Verbo divino no se hubieran hecho por medio del cuerpo, el hombre no hubiera sido divinizado; y, por el contrario, si las obras propias del cuerpo no se atribuyesen al Verbo, no se hubiera librado perfectamente de ellas el hombre. Pero una vez que el Verbo se hizo hombre y se apropió todo lo de la carne, las cosas de la carne ya no se adhieren al cuerpo pues éste ha recibido al Verbo y éste ha consumido lo carnal. En adelante, ya no permanecen en los hombres sus propias afecciones de muertos y de pecadores, sino que resucitan por la fuerza del Verbo y permanecen inmortales e incorruptibles. Por esto aunque lo que nació de María, la Madre de Dios, es la carne, se dice que es él quien nació de ella, pues él es quien da a los demás el nacimiento para que sigan en la existencia. Así nuestro nacimiento queda transformado en el suyo, y ya no somos solamente tierra que ha de volver a la tierra, sino que habiéndonos adherido al Verbo que viene del cielo podremos ser elevados a los cielos con él. Así pues, no sin razón se impuso sobre sí las afecciones todas propias del cuerpo, pues así nosotros podíamos participar de la vida divina, no siendo ya hombres, sino cosa propia del mismo Verbo. Porque ya no morimos por la ley de nuestro primer nacimiento en Adán, sino que en adelante transferimos al Verbo nuestro nacimiento y toda nuestra debilidad corporal, y somos levantados de la tierra, quedando destruida la maldición del pecado que había en nosotros, pues él se ha hecho maldición por nosotros. Esto está muy en su punto: porque así como en nuestra condición terrena morimos todos en Adán, así cuando nacemos de nuevo a partir del agua y del Espíritu, todos somos vivificados en Cristo, y ya no tenemos una carne terrena, sino una carne que se ha hecho Verbo, por el hecho de que el Verbo de Dios se hizo carne por nosotros(20).

El Verbo encarnado, vivificador de todo el universo.

El Verbo no estaba encerrado en su propio cuerpo. No estaba presente en su cuerpo y ausente de todo lo demás. No movía su cuerpo de suerte que hubiera dejado privado de su energía y de su providencia al resto del universo. Lo más admirable es que, siendo Verbo, no podía ser contenido por nada, sino que más bien él contiene todas las cosas. Y estando presente en toda la creación, él está por su naturaleza fuera de todas las cosas, ordenándolas todas y extendiendo a todas y sobre todas su providencia, y vivificando a la vez todas y cada una de las cosas, conteniéndolas a todas sin ser contenido de ellas. Sólo en su propio Padre está él enteramente y bajo todos respectos. De esta suerte, aunque estaba en un cuerpo humano y le daba vida, igualmente daba vida al universo. Estaba en todas las cosas, y sin embargo estaba fuera de todas las cosas. Y aunque era conocido por las obras que hacía en su cuerpo, no era desconocido por la energía que comunicaba al universo... esto era lo admirable que en él había: que como hombre vivía una vida ordinaria; como Verbo daba la vida al universo; como Hijo estaba en la compañía del Padre... (21).

Notas

- (10) Ibid. III, 30-32
- (11) ATANASIO, Epistula ad Adelphium, 3.
- (12) Contra Ar. II, 7-8.
- (13) ATANASIO, De Incarnatione, 3.
- (14) ATANASIO, In Ps. 50.
- (15) Contra Ar. I, 42.
- (16) De Incarn. 4-6.
- (17) Ibid. 14-15.
- (18) Ibid. 9
- (19) Ibid. 8.
- (20) Contra Ar. III, 33.
- (21) De Incarn. 17.

Carta sobre a Interpretação dos Salmos

Introdução

Querido Marcelino, admiro teu fervor cristão: sobrelevas perfeitamente tua atual situação, e, ainda que muito te faça sofrer, não descuidas em absoluto as asceses. Perguntei ao portador de tua carta pelo gênero de vida que levas agora que estás doente e ele me informou que bem dedicas teu tempo à Escritura Santa, tendo, todavia, com maior freqüência o livro dos Salmos entre as mãos, tratando de compreender o sentido que cada um esconde. Te felicito, pois tenho idêntica paixão pelos Salmos, como a tenho pela Escritura inteira.

Encontrando-me numa ocasião (invadido) por semelhantes sentimentos, tive um encontro com um ancião estudioso e quero transcrever-te a conversação que sobre os Salmos, - Saltério em mão! - sustento comigo. O que aquele velho mestre me transmitiu é agradável e, ao mesmo tempo, instrutivo. Eis aqui o que me disse:

Toda a nossa Escritura, filho meu, tanto do Antigo como do Novo (Testamento), é, tal como está escrito, inspirada por Deus e útil para ensinar (2Tim 3,16). Porém, o livro dos Salmos, se feita uma reflexão atenta, possui algo que merece uma especial atenção.

Cada um dos livros, com efeito, nos oferece e nos entrega seu próprio ensinamento: O Pentateuco, por exemplo, relata o começo do mundo e a vida dos Patriarcas, a saída de Israel do Egito, como também a entrega da Lei. O Triteuco relata a distribuição da terra, as façanhas dos Juízes, como também a genealogia de Davi. Os livros dos Reis e das Crônicas relatam os feitos dos reis. Esdras descreve a libertação do cativo, o retorno do povo, a reconstrução do templo e da cidade. Os (livros dos) Profetas predizem a vinda do Salvador, recordam os

Mandamentos, advertem e exortam aos pecadores, como também profetizam acerca das nações. O livro dos Salmos é como um jardim em cujo solo crescem todas estas plantas e, ademais, melodiosamente cantadas, senão que nos mostra o que lhe é privativo, já que ao cantar (salmos) agrega o seu próprio.

Canta os acontecimentos do Gênesis no salmo 18: "Os céus apregoam a glória de Deus e o firmamento proclama a obra de suas mãos" (Sal 18,1) e, no salmo 23: "A terra e tudo que ela contem é do Senhor; o mundo e tudo que o habita, Ele o fundou sobre os mares" (Sal 23,1-2). Os temas do Êxodo, Números e Deuteronômio os canta formosamente nos salmos 77 e 113: "Quando Israel saiu do Egito, a casa de Jacó, de um povo bárbaro, Judá foi seu santuário e Israel seu domínio" (Sal 113,1-2). Similares temas canta no salmo 104: "Enviou a Moisés seu servo, e a Aarão, seu eleito. Confiou-lhes suas palavras e suas maravilhas na terra de Cam. Enviou a obscuridade e escureceu; mas se rebelaram contra suas palavras. Transformou suas águas em sangue, e deu morte a seus peixes. Sua terra produziu rãs, até nas habitações do rei. Falou e se encheu de moscas e de mosquitos todo seu território" (Sal 104,26-31). É fácil descobrir que todo este salmo, como também o 105, foram escritos em referência a todos estes acontecimentos. As coisas que se referem ao sacerdócio e ao tabernáculo as proclama naquele do salmo 28: "Ao sair do tabernáculo, dizendo: 'Ofereçam ao Senhor, filhos de Deus, ofereçam-lhe glória e honra'" (Sal 28,1).

Os fatos concernentes a Josué e aos Juízes os refere brevemente o salmo 106 com as palavras: "Fundaram cidades para habitar nelas, semearam campos e plantaram vinhas" (Sal 106, 36-37). Pois foi sob Josué que se lhes entregou a terra prometida. Ao repetir reiteradamente no mesmo salmo: "Então gritaram ao Senhor em sua atribulação, e Ele os livrou de todas suas angústias" (Sal 106,6), está indicando o livro dos Juízes. Já que quando eles gritavam os suscitavam juízes a seu devido tempo para livrar a seu povo daqueles que o afligiam. O referente aos reis se canta no salmo 19 ao dizer: "Alguns se vangloriam em carros, outros em cavalos, porém, nós, no nome do Senhor

nosso Deus. Eles foram detidos e caíram; porém nós nos levantamos e mantivemo-nos em pé. Senhor, salva ao Rei e escuta-nos quando te invocamos!" (Sal 19,8-10). E o que se refere a Esdras, o canta no salmo 125 (um dos salmos graduais): "Quando o Senhor trocou o cativo de Sião, ficamos consolados" (Sal 125,1); e novamente no 121: "Me alegrei quando me disseram: 'Vamos à casa do Senhor'. Nossos pés percorreram teus palácios, Jerusalém; Jerusalém está edificada qual cidade completamente povoada. Pois ali sobem as tribos, as tribos do Senhor, como testemunho para Israel" (Sal 121,1-4).

Praticamente cada salmo remete aos profetas. Sobre a vinda do Salvador e Daquele que devia vir ser Deus, assim se expressa o salmo 49: "O Senhor nosso Deus virá manifestamente, e não se calará" (Sal 49,2-3); e o salmo 117: "Bendito o que vem em nome do Senhor! Nós os temos abençoados desde a casa do Senhor; o Senhor (é) Deus e ele se nos manifestou" (Sal 117,26-27). Ele é o Verbo do Pai, como o canta o 106: "Ele enviou seu Verbo e os curou, os salvou de suas corrupções" (Sal 106,20). O Deus que vem é ele mesmo o Verbo enviado. Sabendo que este Verbo é o Filho de Deus, faz dizer ao Pai no salmo 44: "Meu coração proferiu um Verbo bom" (Sal 44,1), e também no salmo 109: "De meu seio antes da aurora eu te engendrei" (Sal 109,3). Quem pode dizer-se engendrado pelo Pai senão seu Verbo e sua Sabedoria? Sabendo que é a ele ao que o Pai dizia: "Que seja a luz e o firmamento e todas as coisas", o livro dos Salmos também contém palavras similares: "O Verbo do Senhor afiançou os céus e pelo Espírito de sua boca toda sua potência" (Sal 32,6).

(O salmista) não ignorava que Aquele que devia vir fosse também o Ungido, já que propriamente dele fala (como sujeito principal) o salmo 44: "Teu trono, ó Deus, permanece pelos séculos dos séculos; é cetro de retitude o cetro de teu Reino. Hás amado a justiça e odiado a iniquidade; por isso Deus, tu Deus, te ungiu com o óleo da alegria em preferência a teus companheiros" (Sal 44,7-8). Para que nada se imagine que ele vem só em aparência, aclara que é este mesmo o que se fará

homem e que é por ele por quem tudo foi criado, por ele afirma no salmo 86: "A mãe Sião dirá: um homem, um homem foi engendrado nela, o Altíssimo em pessoa a fundou" (Sal 86,5). O que equívale a afirmar: o Verbo era Deus, tudo foi feito por ele, e, o Verbo se fez carne. Conhecendo, igualmente, o nascimento virginal, o Salmista não se calou, senão que o expressou claramente no salmo 44, ao dizer: "Escuta, filha minha, e veja; inclina teu ouvido, esqueça teu povo e a casa de teu pai, porque o rei está cativado de tua beleza" (Sal 44, 11-12). Novamente, isto equívale ao dito por Gabriel: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!" (Lc 1,28). Depois de haver afirmado que ele é o Ungido, mostra à parte seu nascimento humano da Virgem, ao dizer: "Escuta, filha minha". Gabriel a chama por seu nome, Maria, porque é um estranho - enquanto ao parentesco se refere - porém, Davi, o salmista, já que ela é de sua família, a chama, com toda razão, 'sua filha'.

Havendo afirmado que se faria homem, os Salmos mostram logicamente que ele é passível segundo a carne. O salmo 2 prevê a conspiração dos judeus: "Por que se rebelaram os pagãos? Por que conceberam projetos vãos? Os reis da terra se prepararam, os chefes conspiraram contra o Senhor e contra seu Ungido" (Sal 2, 1-2). No salmo 21, o Salvador mesmo dá a conhecer seu gênero de morte: "...me aprisionas no pó da morte, me rodeia um bando de mastins; a assembléia dos perversos me circunda. Furaram minhas mãos e meus pés. Contaram todos os meus ossos. Eles me vigiaram, dividiram minha roupa e jogaram a sorte sobre a minha túnica" (Sal 21,17-19). Furar suas mãos e seus pés, que outra coisa é senão indicar sua crucifixão? Depois de ensinar tudo isto, acrescente que o Senhor padeceu por nossa causa, e não pela sua. E, com seus próprios lábios, afirma novamente no salmo 87: "Pesadamente repousa sobre mim a tua ira" (Sal 87,17), e no salmo 68: "Eis de volta o que não havia arrebatado" (Sal 68,5). Pois se bem não devia pagar as contas de crime algum, ele morreu - porém sofrendo por nossa causa, tomando sobre si a cólera que nos estava destinada, por nossos pecados, como o disse em Isaías, Ele carregou nossas fraquezas; o que se faz evidente quando afirmamos no salmo 137: "O Senhor os

recompensa por minha causa", e o Espírito disse no salmo 71 que: "ele salva aos filhos do pobre e quebra aos que acusam em falso... pois ele resgata o pobre do opressor e redime o indigente que não tem protetor" (Sal 71, 4.12).

Por isso predisse também sua ascensão aos céus, dizendo no salmo 23: "Príncipes, levantem seus portões e abram suas portas eternas para entrar o rei da glória" (Sal 23,7.9). E no 46: "Deus ascende entre aclamações, o Senhor ao som de trombeta(s)" (Sal 46,6). Também seu sentar-se (à direita de Deus) o anuncia no salmo 109: "Disse o Senhor a meu Senhor, senta-te a minha direita até que ponha teus inimigos como estrado para teus pés" (Sal 109,1). Até a destruição do diabo se anuncia a vocês no salmo 9: "Te sentas em teu trono qual juiz que julga justamente. Reprendeste aos povos e pereceu o ímpio" (Sal 9,5-6). Tampouco calou que receberia pleno poder para julgar, de parte do Pai, e que viria com autoridade sobre tudo, ao afirmar no 71: "Ó Deus, concede teu juízo ao rei, e tua justiça ao filho do rei, para que julgue a teu povo com justiça, e a teus pobres com retidão" (Sal 71,1-2). E no salmo 49 disse: "Convoca ao céu, no alto, e a terra, para julgar a seu povo...E os céus proclamaram sua justiça, pois Deus é juiz" (Sal 49,4.6). E no 81 lemos: "Deus está em pé na assembléia dos deuses, e rodeado de deuses, (os) julga" (Sal 81,1). Sobre a vocação dos pagãos muito se fala em nosso livro, porém, sobretudo no salmo 46: "Povos todos, aplaudam, aclamem a Deus com vozes jubilosas" (Sal 46,2). De maneira similar no 71: "Diante de si se prostram os etíopes e seus inimigos lamberam o pó; os reis de Tarsis, e as ilhas, oferecem seus dons. Os reis da Arábia e de Sabá lhe ofereceram regalos. E o adoraram todos os reis da terra; todos os povos lhe serviram" (Sal 71,9-11). Tudo isto o cantam os Salmos e se anuncia em cada um dos outros Livros.

Não sendo um ignorante, (o ancião) agregava: em cada livro da Escritura se significam realidades idênticas, sobretudo em relação com o Salvador, pois todos estão intimamente relacionados, sinfonicamente concordes no Espírito. Por isso, do mesmo modo que é possível descobrir no Saltério o

conteúdo dos outros Livros, também se encontra com frequência o conteúdo do primeiro nos restantes. Assim, por exemplo, Moisés compôs um hino, e Isaías canta e Habacuc suplica com um cântico. Mais ainda, em todos os livros é possível encontrar profecias, leis e relatos. O mesmo Espírito o abarca todo, e de acordo ao dom destinado a cada qual, proclama a graça peculiar, repartindo-a em plenitude, seja como capacidade de profetizar, ou de legislar, ou de relatar o sucedido, ou o dom dos Salmos. Se bem que o Espírito é uno e indivisível, dele provêm todos os dons particulares e em cada dom está totalmente presente, ainda que cada um o percebe segundo as revelações e dons recebidos e na medida e forma das necessidades, de modo que na medida em que cada um se deixa guiar pelo Espírito se faz servidor do Verbo. É por isso, como o disse anteriormente, que quando Moisés está legislando, algumas vezes também profetiza e outras vezes canta; e os Profetas ao profetizar, algumas vezes proclamam mandatos, como aquele: "Purifiquem-se. Limpa teu coração de toda imundície, ó Jerusalém" (Is 1,16; Jr 4,14); e outras vezes relatam histórias como o faz Daniel com os acontecimentos concernentes a Susana, ou Isaías quando relata o de Rabsaces e Senaquerib. O risco característico do livro dos Salmos, como já dissemos, é o do canto, e por ele modula melodiosamente o que em outros livros se narra com detalhe. Porém, algumas vezes até legisla: "Abandona a ira e deixa a cólera" (Sal 36,8); e "Afasta-te do mal, opera o bem; deseja a paz e corre atrás dela" (Sal 33,15). E outras vezes relata o caminho de Israel e profetiza acerca do Salvador, como o dissemos anteriormente.

A graça do Espírito é comum (a todos os livros), estando a mesma de acordo à tarefa encomendada e segundo o Espírito a concede. Os mais e os menos não provocam distinção alguma sempre que cada qual efetue e leve a cabo sua própria missão. Porém, em sendo assim, o livro dos Salmos tem, neste mesmo terreno, um dom e graça peculiares, uma propriedade de particular relevo. Pois junto às qualidades, que lhe são comuns e similares com os Livros restantes, tem ademais uma maravilhosa peculiaridade: contém exatamente descritos e representados todos os movimentos da alma, suas trocas e

mudanças, de modo que uma pessoa sem experiência, ao estudá-los e ponderando-os, pode ir-se modelando à sua imagem. Pois os outros livros somente expõem a lei e estipula o que se deva, ou não, cumprir. Escutando as profecias, somente se sabe da vinda do Salvador. Prestando atenção às descrições históricas, somente se chega a averiguar os fatos dos reis e dos santos. O livro dos Salmos, ademais de ditos ensinamentos, permite reconhecer ao leitor as emoções de sua própria alma e se as ensina, pelo modo como algo o afeta ou o perturba; de acordo com este livro pode ter uma idéia aproximada do que deve dizer. Por isso, não se contenta com escutar simplesmente, senão que sabe como falar e como atuar para curar seu mal. É certo que também os outros livros tem palavras que proíbem o mal, porém, este também descreve como afastar-se dele. Por exemplo: fazer penitência é um preceito; fazer penitência significa deixar de pecar; aqui se indica não só como fazer penitência e o que é necessário dizer para arrepender-se. Assim mesmo Paulo disse: "A atribulação produz na alma a constância; a constância, a virtude provada; a virtude provada, a esperança; e a esperança não fica despojada" (Rom. 5,3-5). Os Salmos descrevem e mostram, ademais, como suportar as atribuições, o que deve fazer o afligido, o que deve dizer uma vez passada a atribuição, como cada um é posto à prova, quais são os pensamentos do que espera no Senhor... O de dar graças em toda circunstância é também um preceito. Os Salmos indicam o que deve dizer aquele que dá graças. Sabendo, por outro lado, que os que pretendem viver piedosamente serão perseguidos, aprendemos dos Salmos como clamar quando fugimos em meio a perseguição, e que palavras dirigir a Deus uma vez escapando dela. Somos convidados a bendizer ao Senhor, encontramos as expressões adequadas para manifestar-lhe nossa confissão. Os Salmos expressam como devemos elogiar ao Senhor, que palavras lhe rendem homenagem de modo adequado. Para toda ocasião e sobre todo argumento, encontraremos então poemas divinos adequados às nossas emoções e sensibilidade.

Capítulo I

Todavia, isto de assombroso e maravilhoso tem os Salmos: ao ler os demais livros, aqueles que dizem os santos e o objeto de seus discursos, os leitores o relacionam com o argumento do livro, os ouvintes se sentem estranhos ao relato, de modo que as ações recordadas suscitam mera admiração ou o simples desejo de rivalizá-las. Aqueles que, por outro lado, abrem o livro dos Salmos recorrem, com a admiração e o assombro costumeiros, às profecias sobre o Salvador contidas já nos restantes livros, porém lêem os salmos como se fossem pessoais. O ouvinte, igual ao autor, entra em clima de compulsão, apropriando-se as palavras dos cânticos como se fossem suas. Para ser mais claro, não vacilaria, igual que o benaventurado Apóstolo, em retomar o dito: "Os discursos pronunciados em nome dos patriarcas, são numerosos; Moisés falava e Deus respondia; Elias e Eliseu, estabelecidos sobre a montanha do Carmelo, invocavam sem cessar ao Senhor, dizendo: 'Vive o Senhor, em cuja presença estou hoje!'" (1Rs 17,1; 2Rs 3,4). As palavras dos demais santos profetas têm por objeto o Salvador, e um certo número se referem aos pagãos e a Israel. Contudo, nenhuma pessoa pronunciaria as palavras dos patriarcas como se fossem suas, nem ousaria imitar e pronunciar as mesmas palavras que Moisés, nem as de Abraão acerca de sua escrava e Ismael ou as referentes ao grande Isaac; por necessário ou útil que fosse, nada se animaria a dizê-las como próprias. Ainda que um se compadecesse dos que sofrem e desejasse o melhor, jamais diria como Moisés: "Mostra-te a mim!" (Ex 33,13), ou tampouco: "Se perdoas seu pecado, perdoado serás; se não o perdoas, apaga-me do livro que tu escreveste" (Ex 33,12). Ainda no caso dos profetas, nada empregaria pessoalmente seus oráculos para elogiar ou repreender aqueles que se assemelham por suas ações aos que eles repreendiam ou elogiavam; ninguém diria: "Vive o Senhor, em cuja presença estou hoje!" Quem toma em suas mãos esses livros, vê claramente que as ditas palavras devem ler-se não como pessoais, mas sim como pertencentes aos santos e aos objetos dos quais falam. Os Salmos - coisa estranha! - salvo o que concerne ao Salvador e às profecias sobre os pagãos, são para o leitor palavras pessoais: cada um as canta como escritas para ele e não as toma nem as recorre como escritas por outro,

nem tampouco referentes a outro. Suas disposições (de ânimo) são as de alguém que fala de si mesmo. O que diz, o orador o eleva até Deus como se fora ele quem falara e atuara. Não experimenta temor algum diante destas palavras, como diante as dos patriarcas, de Moisés ou dos outros profetas, senão por bem, considerando-as como pessoais e escritas referidas a ele, encontra a coragem para proferi-las e cantá-las. Seja que um cumpra ou quebre os mandamentos, os Salmos se aplicam a ambos. É necessário, em qualquer caso, seja como transgressor, seja como cumpridor, ver-se como obrigado a pronunciar as palavras escritas sobre cada qual.

Capítulo II

[As palavras dos Salmos] me parecem que são para quem as canta, como um espelho no qual se refletem as emoções da sua alma para que assim, sob seu efeito, possa recitá-las. Até quem somente os escuta, percebe o canto como referido a ele: ou convencido por sua consciência e, afligido, se arrepende; ou ouvindo falar da esperança em Deus e do auxílio concedido aos crentes, se alegra de que lhe haja sido outorgado e prorrompe em ações de graças a Deus. Assim, por exemplo, canta alguém o salmo terceiro? Refletindo sobre suas próprias atribulações, se apropriaria das palavras do salmo. Assim mesmo, lerá ao 11 e ss. e ao 16 e ss. de acordo com a sua confiança e oração; o recitado do 50 e ss. será expressão de sua própria penitência; o 53 e ss., 55 e ss., 100 e ss. e o 41ss. expressam seus sentimentos sobre a perseguição de que ele é objeto; são suas palavras as que canta ao Senhor. Assim pois, cada salmo, sem entrar em maiores detalhes, pode-se dizer que está composto e é proferido pelo Espírito, de modo que nessas mesmas palavras, como já o disse antes, podemos captar os movimentos da nossa alma e nos faz dizer como provenientes de nós mesmos, como palavras nossas, para que, trazendo à memória nossas emoções passadas, reformemos a nossa vida espiritual. O que os salmos dizem pode servir-nos de exemplo e de padrão de medida.

Capítulo III

Isto também é dom do Salvador: feito homem por nós, ofereceu por nós seu corpo à morte, para livrar-nos a todos da morte. Querendo mostrar-nos sua maneira celestial e perfeita de viver, a criou em si mesmo para que não sejamos já facilmente enganados pelo inimigo, já que temos uma prenda segura na vitória que em favor nosso obteve sobre o diabo. É por esta razão que não só ensinou, mas também praticou seu ensinamento, de modo que cada um o escute quando fala e, olhando-o, como se observa a um modelo, aceite dele o exemplo, como quando diz: "Aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração" (Mt 11,29). Não poderá existir ensinamento mais perfeito da virtude que a realizada pelo Salvador em sua própria pessoa: paciência, amor à humanidade, bondade, fortaleza, misericórdia, justiça, tudo o encontramos nele e nada temos que esperar, quanto a virtudes, ao observar detidamente sua vida. Paulo o dizia claramente: "Sejam imitadores meus, como eu o sou de Cristo" (1Cor 11,1). Os legisladores, entre os gregos, tem graça unicamente para legislar; o Senhor, qual verdadeiro Senhor do universo, preocupado por sua obra, não somente legisla, mas também se dá como modelo para que aqueles que o desejam, saibam como atuar. Ainda antes de sua vinda entre nós, o colocou manifesto nos Salmos, de maneira que igual que nos proveu da imagem acabada do homem terreno e celestial em sua própria pessoa; também nos Salmos, aquele que o deseja, pode aprender e conhecer as disposições da alma, encontrando como curá-las e retificá-las.

Capítulo IV

Falando com maior precisão, pontualizemos então que se toda a Escritura divina é mestra de virtude e de fé autêntica, o livro dos Salmos oferece, ademais, um perfeito modelo de vida espiritual. Igual a quem se apresenta diante de um rei e assume as corretas atitudes corporais e verbais, não seja que apenas abra a boca, seja arrojado fora por sua falta de compostura, também a aquele que corre até a meta das virtudes e deseja conhecer a conduta do Salvador durante sua vida mortal; o sagrado Livro o conduz primeiro, através da leitura, à consideração dos movimentos da alma e, a partir daí, vai representando sucessivamente o resto, ensinando aos leitores graças a ditas expressões. Neste livro, chama a atenção que alguns salmos contêm narrações históricas, outros admoestações morais, outros profecias, outros súplicas e outros, todavia, confissão.

Na forma de narração, temos os seguintes salmos: 18; 43; 48; 49; 72; 76; 88; 89; 106; 113; 126; e 136.

Em forma de oração, temos os salmos: 16; 67; 89; 101; 131; e 141.

Os proferidos como súplica, petição instantânea, são os salmos: 5; 6; 7; 11; 12; 15; 24; 27; 30; 34; 37; 42; 53; 54; 55; 56; 58; 59; 60; 63; 82; 85; 87; 137; 139; e 142.

Em forma de súplica junto com ação de graças, temos o salmo 138.

Entre os que só suplicam, temos os salmos: 3; 25; 68; 69; 70; 73; 78; 79; 108; 122; 129; e 130.

Em forma de confissão, temos os salmos: 9; 74; 91; 104; 105; 106; 107; 110; 117; 135; e 137.

Aqueles que entrelaçam narração com confissão, são os salmos: 9; 74; 105; 106; 117; 135; e 137.

Um salmo que combina confissão com narração e ação de graças é o 110.

Tem forma de admoestação o salmo 36.

Os salmos que contém profecia são: 20; 21; 44; 46; e 75.

No 109 temos anúncio junto com profecia.

Os salmos que exortam e prescrevem, e como que ordenam, são: 28; 32; 80; 94; 95; 96; 97; 102; 103; e 113.

O salmo 149 combina exortação com louvor.

Descrevem a vida ornada pela virtude os salmos: 104; 111; 118; 124; e 132.

Aqueles que expressam louvor são: 90; 112; 116; 134; 144; 145; 146; 148; e 150.

São salmos de ação de graças: 8; 9; 17; 33; 45; 62; 76; 84; 114; 115; 120; 121; 123; 125; 128; e 143.

Aqueles que anunciam uma promessa de bem-aventurança são: 1; 31; 40; 118; e 127.

Demonstrativo de alegre prontidão com (acrécimo) de cântico: o 107.

Outro há que exorta à fortaleza: o 80.

Temos os que reprovam aos ímpios e iníquos, como os: 12; 13; 35; 51; e 52.

O salmo 4 é uma invocação.

Aqueles salmos que falam [do cumprimento] de votos, são: o 19 e o 63.

Tem palavras de glorificação ao Senhor: 22; 26; 38; 39; 41; 61; 75; 83; 96; 98 e 151.

Acusações escritas para provocar vergonha são: o 57 e o 81.

Se encontram acentos hímnicos nos: 47 e 64.

O salmo 65 é um canto de júbilo e se refere à ressurreição.

Outro, o 99, é unicamente canto de júbilo.

Capítulo V

Estando, então, os salmos dispostos acima ordenados desta maneira, é possível aos leitores - como já o disse antes - descobrir em cada um deles os movimentos e a constituição de

sua alma, do mesmo modo que descobrem o gênero e o ensinamento que cada um lhes transmitem.

Igualmente se pode aprender deles as palavras a dizer para agradar o Senhor, ou com quais palavras expressar o desejo de corrigir-se e arrepender-se ou de dar-lhe graças. Tudo isto impede, ao que recita literalmente estas expressões, cair na impiedade. Já que não somente tenhamos de dar a razão das nossas obras ao Juiz (Supremo), como também de toda palavra inútil (Mt 12,36):

Se queres bendizer a alguém, aprendes como fazê-lo e em nome de quem, nos salmos 1; 31; 40; 11; 118 e 127.

Se desejas censurar as conjurações dos judeus contra o Salvador, aí tens o segundo (salmo 2) de nossos poemas.

Se os teus te perseguem e muitos se levantam contra ti, recita o terceiro (salmo 3).

Se estando aflito, invocaste ao Senhor e porque te escutou queres dar-lhe graças, entoa o 4, ou o 74, ou o 114.

Se a ti basta que os malfeitores te preparam armadilhas e queres que bem de manhã tua oração chegue a seus ouvidos, recita o 5.

Se a ameaça de castigo do Senhor te intranquiliza, podes recitar o 6 ou o 37.

Se alguns se reúnem para tramar algo contra ti, como o fez Ajitófel contra Davi, e chega a teus ouvidos, canta o salmo 7 e confia no Senhor em te defender.

Capítulo VI

Se, observando a extensão universal da graça do Salvador e a salvação do gênero humano, queres conversar com Deus, canta o salmo 8.

Queres entoar o cântico da vindima, para dar graças ao Senhor? Tens novamente a tua disposição o 8 e também o 83.

Em honra à vitória sobre os inimigos e a liberação da criatura, sem vangloriar-se, e sim reconhecendo que estes feitos magníficos são obra do Filho de Deus, recita o já mencionado salmo 9.

Se alguém quer confundir-te ou assustar-te, tem confiança no Senhor e repete o salmo 10.

Ao observar a soberba de tantos e como o mal cresce, ao ponto que já não há ações santas entre os homens, busca refúgio no Senhor e diga o salmo 11.

Prolongam os inimigos seus ataques? Não desesperes como se Deus te esquecera, e sim invoca-o cantando o salmo 12.

Não te associes de modo algum com os que blasfemam impiamente contra a Providência, mas bem suplica ao Senhor recitando os salmos 13 e 52.

Aquele que queira aprender quem é o cidadão do reino dos céus deve dizer o salmo 14.

Capítulo VII

Necessitas orar porque teus adversários assediam tua alma?
Canta os salmos 16; 85; 87 e 140.

Se quiseres saber como rezava Moisés, aí tens o salmo 89.

Foste libertado de teus inimigos e perseguidores? Canta o salmo 17.

Te maravilham a ordem da criação e a providente graça que nela resplandece, como também os preceitos santos da Lei?
Canta então o 18 e o 23.

Vendo sofrer os atribulados, consola-os orando e recitando-lhes as palavras do salmo 19.

Vês que o Senhor te conduz e pastoreia, guiando-te pelo caminho reto, alegra-te dele e salmodia o 22!

Te submergem os inimigos? Eleva tua alma até Deus salmodiando o 24 e vejas que os iníquos caem malogrados.

Te cercam os inimigos, tendo suas mãos totalmente manchadas de sangue, e não buscam mais que perder-te e confundir-te? Então, não confies tua justiça a um homem - toda justiça humana é suspeita! - mas peça ao Senhor que te faça justiça, já que ele é o único Juiz, recitando o 25; 34 ou 42.

Quando te assaltam violentamente os inimigos e se congregam como um exército e te depreciam como se ainda não estivesses ungido, e por isso te façam a guerra, não temas, canta muito o salmo 26.

A natureza humana é débil, e se [apesar dela] os perseguidores se fazem tão desavergonhados e insistem, não lhes faças caso, suplica em troca ao Senhor com o salmo 27.

Se queres aprender como oferecer sacrifícios ao Senhor com ação de graças, recita então com inteligência espiritual o salmo 28.

Se dedicas e consagras tua casa, isto é, tua alma que hospeda ao Senhor, como também a casa corpórea na que moras fisicamente, recita com ação de graças o 29 e, entre os salmos graduais, o 126.

Capítulo VIII

Se vês que és depreciado e perseguido por amigos e conhecidos à causa da verdade, não perdas o ânimo por isso, nem temas aos que se te opõem, e sim, aparta-te deles e, contemplando o futuro, salmodia o 30.

Se ao ver aos batizados e resgatados de sua vida corruptível, ponderas e admiras a misericórdia de Deus, canta em te favor tuas louvações com o salmo 31.

Se desejas salmodiar em companhia de muitos, reúne os homens justos e probos, e recita o 32.

Se caíste vítima de teus inimigos e sagazmente pudeste evitar seus assédios, reúne os homens mansos e recita em sua presença o salmo 33.

Se vês o céu para cometer o mal que impera entre os transgressores da Lei, não penses que a maldade é algo natural neles, como o afirmam os hereges, e sim recita o 35 e te convenças de que a eles lhes correspondem a responsabilidade pelo pecado.

Se vês os malvados cometerem muitas iniquidades e avalentarem-se contra os humildes, e queres exortar a alguém que nem se junte com os iníquos, nem lhes tenha inveja, pois seu porvir será a queda, então dê para ti mesmo e para os outros o 36.

Capítulo IX

Se, por outro lado, querendo prestar atenção à tua própria pessoa, e vendo que o inimigo se dispõe a atacar-te - pois lhe agrada provocar a este tipo de pessoas - querendo fortalecer-te contra ele, canta o salmo 38.

Se tendo que suportar ataques dos perseguidores, queres aprender as vantagens da paciência, recita então o 39.

Quando vendo multidão de pobres e mendigos, queres mostrar-te misericordioso com eles, serás capaz de sê-lo graças à recitação do salmo 40, já que com ele elogias aos que já atuaram compassivamente, e exortas aos demais a que ajam de igual maneira.

Se ansiando buscar a Deus, escutas as burlas dos adversários, não te perturbes, mas considerando a recompensa eterna de tal nostalgia, consola tua alma com a esperança em Deus, e, superados os pesares que te afligem nesta vida, entoas o salmo 41.

Se não queres deixar de recordar os inumeráveis benefícios que o Senhor outorgou a teus pais, como o êxodo do Egito e a estadia no deserto, e que bom é Deus e quão ingratos os homens, tens os salmos 43; 77; 88; 104; 105; 106 e 113.

Se havendo-te refugiado em Deus, poderoso defensor no perigo, queres dar-lhe graças e narrar suas misericórdias para contigo, tens o 45.

Capítulo X

Pecaste, sentes vergonha, buscas fazer penitência e alcançar misericórdia? Encontrarás palavras de arrependimento e confissão no salmo 50.

Ainda assim deves suportar calúnias por parte de um rei iníquo, e vêes como se encoraja o caluniador, alija-te dali e usa as expressões que encontras no 51.

Se te atacam, te acoçam e querem trair-te, entregando-te à justiça, como o fizeram zifeos e filisteus com Davi, não perdas o valor: tem ânimo, confia no Senhor e louvai-o com as palavras dos salmos 53 e 55.

A perseguição te sobrevem, cai sobre ti e, sem sabê-lo, penetra inesperadamente na cova que te escondias, nem assim temas,

pois ainda nesse aperto encontraras palavras de consolo e de memorial indelével nos salmos 56 e 141.

Se quem te persegue dá a ordem de vigiar tua casa, e tu, apesar de tudo, logras escapar, dá graças a Deus, e inscreve o agradecimento em teu coração, como sobre uma estrela indelével, em memória de que não pereceste e entoa o salmo 58.

Se os inimigos que te afligem proferem insultos, e os que aparentavam ser amigos lançam acusações contra ti, e isto perturba tua oração por um breve tempo, reconforta-te louvando a Deus e recitando as palavras do 54.

Contra os hipócritas e os que se vangloriam descaradamente, recita - para vergonha sua - o salmo 57.

Contra os que arremetem selvagememente contra ti e querem arrebatá-te a alma, contraponha tua confiança e adesão ao Senhor; quanto mais se encorajem eles, tanto mais descansa nele, recitando o 61.

Se perseguido, retira-te para o deserto e nada temas por estar ali só, pois tens a Deus junto de ti, a quem, muito de madrugada, podes cantar-lhe o 62.

Se te aterrorizam os inimigos e não cessam em conjurarem contra ti, buscando-te sem descanso, ainda que sejam muitos, não te aflijas, já que seus ataques serão como feridas causadas por flechas atiradas por crianças; entoa, então (confiante), os salmos 63; 64; 69 e 70.

Capítulo XI

Se desejas louvar a Deus recita o 64.

E quando queiras catequizar alguém acerca da ressurreição, ento a o 65.

Imploras a misericórdia do Senhor? Louva-o salmodiando o 66.

Se vês que os malvados prosperam gozando de paz e os justos, em troca, vivem em aflição, para não tropeçar nem escandalizar-te, recita também tu o 72.

Quando a ira de Deus se inflama contra o povo, tenhas palavras sábias para seu consolo no 73.

Se andas necessitado de confissão, salmodia o 9; 74; 91; 104; 105; 106; 107; 110; 117; 125 e 137.

Queres confundir e envergonhar os pagãos e hereges, demonstrando que nem um só deles possui o conhecimento de Deus, e sim unicamente a Igreja Católica? Podes, se assim o pensas, cantar e recitar inteligentemente as palavras do 75.

Se teus inimigos te perseguem e te cortam toda possibilidade de fuga, ainda que estejas muito afligido e grandemente confundido, não desesperes, e sim clama; e se teu grito é escutado, dá graças a Deus recitando o 76.

Porém, se os inimigos persistem e invadem e profanam o templo de Deus, matando os santos e arremessando seus cadáveres às aves do céu, não te deixes intimidar nem temas

sua crueldade, e sim compadece com os que padecem e ora a Deus com o salmo 78.

Capítulo XII

Se desejas louvar ao Senhor em dia de festa, convoca os servos de Deus e recita os salmos 80 e 94.

E se novamente os inimigos todos, se reúnem, assaltando-te por todas as partes, proferindo ameaças até à casa de Deus e aliando-se contra a piedade, não te amedrontes por sua multidão ou seu poder, já que tens uma âncora de esperança nas palavras do salmo 82.

Se vendo a casa do Senhor e seus tabernáculos eternos, sentes nostalgia por eles, como tinha o Apóstolo, recita o salmo 83.

Quando havendo cessado a ira e terminado o cativeiro, quiseras dar graças a Deus, tens o 84 e o 125.

Se quiseres saber a diferença que medeia entre a Igreja católica e os cismáticos, e envergonhar estes últimos, podes pronunciar as palavras do 86.

Se quiseres exortar-te a ti e a outros, a render culto verdadeiro a Deus, demonstrando que a esperança em Deus não fica confundida, e sim que, ao contrário, a alma fica fortalecida, louva a Deus recitando o 90.

Desejas salmodiar o Sábado? Tens o 91.

Capítulo XIII

Queres dar graças no dia do Senhor? Tens o 23; ou, desejas fazê-lo no segundo dia da semana? Recita o 47.

Queres glorificar a Deus no dia de preparação? Tens o louvor do 92.

Porque então, quando ocorreu a crucifixão, foi edificada a casa ainda que os inimigos trataram de rodeá-la, é conveniente cantar como cântico triunfal o que se enuncia no 92.

Se te sobrevindo o cativo, e a casa, sendo derrubada, volta a ser edificada, canta o que se contém no 95.

A terra se livrou dos guerreiros e apareceu a paz: reina o Senhor e tu queres fazê-lo objeto de teus louvores, aí tens o 96.

Queres salmodiar o quarto dia da semana? Faça-o com o 93; pois num dia como esse foi o Senhor entregue e começou a assumir e executar o juízo contrário à morte, triunfando confiadamente sobre ela. Se lêes o Evangelho, verás que no quarto dia da semana os judeus se reuniram em Conselho contra o Senhor, e também verás que com todo valor começou a procurar-nos justiça contra o diabo: salmodia, com respeito a tudo isto, com as palavras do 93.

Se, ademais, observas a providência e o poder universal do Senhor, e queres instruir a alguns na obediência e na fé, exorta-os diante de tudo a confessar decididamente, salmodiando o 99.

Se tens reconhecido o poder de seu juízo, quer dizer que Deus julga temperando a justiça com sua misericórdia, e queres acercar-te dele, tens para este propósito as palavras do 100 entre os salmos.

Capítulo XIV

Nossa natureza é débil... se as angústias da vida te fizeram similar a um mendigo, e sentindo-te exausto buscas consolo, entoa o 101.

É conveniente que sempre e em todo lugar demos graças a Deus... se desejas bendizê-lo, estimula tua alma recitando o 102 e o 103.

Queres louvar a Deus e saber, como, por que motivos e com quais palavras fazê-lo? Tens o 104; 106; 134; 145; 146; 147; 148 e 150.

Prestas fé ao que disse o Senhor e tens fé nas palavras que tu mesmo dizes quando rezas? Profere o 115.

Sentes que vais progredindo gradualmente em tuas obras, de modo que podes fazer tuas as palavras: "esquecendo o que fica atrás de mim, me lanço até o que está adiante" (Fil 3,13)? Podes então entoar para cada um dos degraus de teu adiantar um dos quinze salmos graduais.

Capítulo XV

Tens sido conduzido ao cativeiro por pensamentos estranhos e te achas nostalgicamente puxado por eles? Te embarga o arrependimento, desejas não cair no futuro e, ainda assim, segues cativo deles? Senta-te, chora, e como o fez Anato ao povo, pronuncia as palavras do 136!

És tentado e, assim, sondado e provado? Se quando superada a tentação quiseres dar graças, utiliza o salmo 138.

Te achas novamente acossado pelos inimigos e queres ser libertado? Pronuncia as palavras do 139.

Desejas suplicar e orar? Salmodia o 5 e o 142.

Se alçado o tirânico inimigo contra o povo e contra ti, ao modo de Golias contra Davi, não temas: tenha fé, e como Davi, salmodia o 143.

Se maravilhado pelos benefícios que Deus outorgou a todos e também a ti, queres bendizê-lo, repete as palavras que Davi disse no 144.

Queres cantar e louvar ao Senhor? O que deves entoar está nos salmos 92 e 97.

Ainda sendo pequeno, tens sido preferido a teus irmãos e colocado sobre eles? Não te vanglories nem te encoraje-se contra eles, e sim atribuindo a glória a Deus, que te elegeu, salmodia o 151, que é um poema genuinamente davídico.

Suponhamos que desejas entoar os salmos que resumem o louvor a Deus, e que vão encabeçados pela Aleluia, podes usar:

o 104; 105; 106; 111; 112; 113; 114; 115; 116; 117; 118; 134; 135; 145; 146; 147; 148; 149 e o 150.

Capítulo XVI

Se ao salmodiar queres destacar o que se refere ao Salvador, encontrarás referências praticamente em cada salmo; assim, por exemplo:

Tens o 44 e o 100, que proclamam tanto sua geração eterna do Pai como sua vinda na carne;

O 21 e o 68 que preanunciam a cruz divina, como também todos os padecimentos e perseguições que suportou por nós;

O 2 e o 108 que apregoam a maldade e as perseguições dos judeus e a traição de Judas Iscariotes;

O 20, 49 e 71 proclamam seu reinado e sua potestade de julgar, como também sua manifestação a nós na carne e a vocação dos pagãos.

O 15 anuncia sua ressurreição dentre os mortos;

O 23 e 46 anunciam sua ascensão aos céus.

Ao ler o 92, 95, 97 ou 98, cais na conta e contempas os benefícios que o Salvador nos outorgou graças a seus padecimentos.

Capítulo XVII

Esta é a característica que possui o livro dos Salmos, para utilidade dos homens: uma parte dos salmos foram escritos para a purificação dos movimentos da alma; outra parte, para anunciarmos profeticamente a vinda na carne de nosso Senhor Jesus Cristo, como acima dissemos.

Porém, de modo algum devemos passar por alto a razão pela qual os salmos se modulam harmoniosamente e com canto. Alguns simplórios entre nós, se bem crêem na inspiração divina das palavras, sustentam que os salmos se cantam pelo agradável dos sons e para o prazer do ouvido. Isto não é exato. A Escritura para nada buscou o encanto ou a sedução, e sim a utilidade da alma; esta forma foi eleita sobre tudo por duas razões:

Em primeiro lugar, convinha que a Escritura não louvasse a Deus unicamente numa seqüência de palavras rápidas e contínuas, mas sim também com voz lenta e pausada. Em seqüência ininterrupta se lêem a Lei, os Profetas, os livros históricos e o Novo Testamento; a voz pausada é empregada para os Salmos, odes e cânticos. Assim se obtém que os homens expressem seu amor a Deus com todas as suas forças e com todas as suas possibilidades.

A segunda razão apóia em que, como uma boa flauta unifica e harmoniza perfeitamente todos os sons, do mesmo modo requer a razão que os diversos movimentos da alma, como pensamento, desejo, cólera, sejam a origem das distintas atividades do corpo, de modo que o trabalho do homem não seja desarmônico, conflitando consigo mesmo, pensando muito bem e trabalhando muito mal; por exemplo, Pilatos que disse: "Nenhum delito encontro nele para condená-lo à morte" (Jo 18,38), porém trabalhou segundo o querer dos judeus... Ou, que desejando trabalhar mal, estejam impossibilitados de

realizá-lo, como os anciãos com Susana... Ou que ainda abstendo-se de adular, seja ladrão, ou, sem ser ladrão seja homicida, ou, sem ser assassino seja blasfemador.

Capítulo XVIII

Para impedir que surja essa desarmonia interior, a razão requer que a alma, que possui o pensamento de Cristo (cf. 1Cor 2,16), como disse o Apóstolo, faça que este lhe sirva de diretor, que domine nele suas paixões, ordenando os membros do corpo para que obedeçam a razão. Como pleito para a harmonia, nesse saltério que é o homem, o Espírito deve ser fielmente obedecido, os membros e seus movimentos devem ser dóceis obedecendo a vontade de Deus. Esta tranqüilidade perfeita, esta calma interior, tem sua imagem e modelo na leitura modulada dos Salmos. Nos damos a conhecer os movimentos da alma através das nossas palavras; por isso o Senhor, desejando que a melodia das palavras fosse o símbolo da harmonia espiritual na alma, fez cantar os Salmos melodiosa, modulada e musicalmente. Precisamente este é o desejo da alma, vibrar em harmonia, como está escrito: "Algum de vós é feliz, que cante!" (St 5,13). Assim, salmodiando, se aplaca o que nele haja de confuso, áspero ou desordenado e o canto cura até a tristeza: "Por que estás triste, alma minha, por que me perturbas?" (Sal 41,6.12 e 42,5); reconhecer seu erro confessando: "Quase resvalaram minhas pisadas" (Sal 72,2); e no temor fortalecer a esperança: "O Senhor está comigo: não temo; que poderá fazer-me aquele homem?" (Sal 117,6).

Capítulo XIX

Os que não lêem desta maneira os cânticos divinos, não salmodiam sabiamente, mas buscam seu deleite, e merecem reprovação, já que o louvor não é formoso na boca do pecador

(cf. Eclo. 15,9). Porém, quando se cantam da maneira que acima mencionamos, de modo que as palavras se vão proferindo ao ritmo da alma e em harmonia com o Espírito, então cantam em uníssono a boca e a mente; ao cantar assim, são úteis a si mesmos e aos ouvintes bem dispostos. O bem-aventurado Davi, por exemplo, cantando para Saul, alegrava a Deus e alijava de Saul a perturbação e a loucura, devolvendo-lhe a tranqüilidade à sua alma. De idêntica maneira os sacerdotes ao salmodiar, aportavam a calma à alma das multidões, induzindo-as a cantar unânimes com os coros celestiais. O fato de que os Salmos se recitem melodiosamente, não é em absoluto indício de buscar sons prazenteiros, e sim reflexo da harmoniosa composição da alma. A leitura mensurada é símbolo da índole ordenada e tranqüila do espírito. Louvar a Deus com pratinhos sonoros, com a cítara e o saltério de dez cordas, é, a sua vez, símbolo e indicação de que os membros do corpo estão harmoniosamente unidos do modo que estão as cordas; de que os pensamentos da alma atuam qual címbalos, recebendo todo o conjunto, movimento e vida a impulsos do espírito, já que viveram, como está escrito, e com o Espírito fazem morrer as obras do corpo (cf. Rom. 8,13). Quem salmodia desta maneira harmoniza sua alma levando-a do desacordo ao acorde, de modo que, falando-se em natural acordo nada a perturbe, ao contrário da imaginação pacificada que deseja ardentemente os bens futuros. Bem disposta pela harmonia das palavras, olvida suas paixões, para centrada, gostosa e harmoniosamente em Cristo conceber os melhores pensamentos.

Capítulo XX

É portanto necessário, filho meu, que todo o que lê este livro o faça com pureza de coração, aceitando que se deve à divina inspiração, e, beneficiando-se dele por isso mesmo, como dos frutos do jardim do paraíso, empregando-os segundo as circunstâncias e a utilidade de cada um deles.

Estimo, com efeito, que nas palavras deste livro se contem e descrevam todas as disposições, todos os afetos e todos os pensamentos da vida humana e que fora destes não há outros.

Há necessidade de arrependimento ou confissão; se lhes surpreenderam a aflição ou a tentação; se és perseguido ou se escapou a emboscadas; se estás triste, em dificuldades ou tens algum dos sentimentos acima mencionados; ou se vives prosperamente, havendo triunfado sobre teus inimigos, desejando louvar, dar graças ou bendizer ao Senhor... Para qualquer destas circunstâncias, deve-se falar o ensinamento adequado nos Salmos divinos. Que eleja aqueles relacionados com cada um desses argumentos, recitando-os como se ele os proferira, e adequando os próprios sentimentos aos neles expressados.

Capítulo XXI

De modo algum se busque adorná-los com palavras sedutoras, modificar suas expressões ou trocá-las totalmente; leia e cante-se o que está escrito, sem artifícios, para que os santos varões que nos legaram esses salmos, reconheçam o tesouro de sua propriedade, conosco há pouco tempo, ou melhor, o faça o Espírito Santo, que falou através deles, e, ao constatar que nossos discursos são eco perfeitos dos seus, venham em nossa ajuda. Pois sendo a vida dos santos melhor que a do resto, portanto melhores e mais poderosas se tenham, com toda verdade, suas palavras que nós agregamos. Pois com essas palavras agradaram a Deus e, ao proferi-las, eles lograram - como o disse o Apóstolo - conquistar reinos, fizeram justiça, alcançaram as promessas, cerraram a boca aos leões; apagaram a violência do fogo, escaparam do fio da espada, curaram suas enfermidades, foram valentes na guerra, rechaçaram exércitos

estrangeiros e as mulheres recobriram ressuscitados a seus mortos (cf. Hb 11, 33-35).

Capítulo XXII

Todo o que agora lê essas mesmas palavras [dos Salmos], tenha confiança que por elas Deus virá instantaneamente em nossa ajuda. Se está afligido, sua leitura procurará um grande consolo; se é tentado ou perseguido, ao cantá-las saldará fortalecido e como mais protegido pelo Senhor, que já havia protegido antes ao autor, e fará que ouçam (os inimigos) o diabo e seus demônios. Se há pecado, voltará a si e deixará de fazê-lo; se não há pecado, se estimará ditoso ao saber que corre em procura dos verdadeiros bens; na luta, os Salmos darão as forças para não apartar-se jamais da verdade; ao contrário, convencerá aos impostores que tratavam de induzi-lo ao erro. A garantia de tudo isso não é um mero homem mas sim a mesma Escritura divina. Deus ordenou a Moisés escrever o grande Cântico, ensinando-o ao povo; ao que ele constituíra como chefe, lhe ordenou transcrever o Deuteronômio, guardando-o entre suas mãos e meditando continuamente suas palavras, pois seus discursos são suficientes para trazer à memória a recordação da virtude e aportar ajuda aos que os meditam sinceramente. Quando Josué, filho de Nuná penetrou na terra prometida, vendo os acampamentos inimigos e os reis amorreus reunidos, todos em som de guerra, em lugar de armas ou espadas, empunhou o livro do Deuteronômio; o leu diante de todo o povo, recordando as palavras da Lei, e havendo armado o povo, saiu vencedor sobre os inimigos. O rei Josías, depois do descobrimento do livro e sua leitura pública, não albergava já temor algum de seus inimigos. Quando o povo saía à guerra, a Arca contendo as tábuas da Lei ia adiante do exército, sendo proteção mais que suficiente, sempre que não houvera entre os portadores ou no seio do povo prevalência de pecado ou hipocrisia. Pois se necessita que a fé vá acompanhada pela sinceridade para que a Lei dê resposta à oração.

Capítulo XXIII

Ao menos eu, o ancião, escutei da boca de homens sábios, que antigamente, em tempos de Israel, bastava a leitura da Escritura para por em fuga os demônios e destruir as armadilhas estendidas por eles aos homens. Por isso, me dizia [meu interlocutor], são de todo condenáveis aqueles que, abandonando estes livros, compõem outros com expressões elegantes, fazendo-se chamar exorcistas, como ocorreu aos filhos do judeu Esceva, quando tentaram exorcizar dessa maneira! Os demônios se divertem e burlam quando os escutam; pelo contrário tremem diante das palavras dos santos e nem ouvi-las podem. Pois nas palavras da Escritura está o Senhor e ao não poder suportá-las gritam: "Te rogo que não me atormentes antes do tempo!" (Lc 8,28). Com somente a presença do Senhor se consumiam. Do mesmo modo, Paulo dava ordens aos espíritos impuros e os demônios se submetiam aos discípulos. E a mão do Senhor caiu sobre Eliseu, o profeta, de modo que profetizou aos três reis acerca da água quando, por ordem sua, o salmista cantava ao som do saltério. Inclusive agora, se um está preocupado pelos que sofrem, leia os Salmos e lhes ajudará muitíssimo, demonstrando igualmente que o que sofre é firme e verdadeiro; ao vê-lo, Deus concede a completa saúde aos necessitados. Sabendo-o, o santo disse no salmo 118: "Meditarei sobre teus decretos, não olvidarei tuas palavras", e também: "Teus decretos eram meus cantos, no lugar de minha peregrinação. Nelas encontrarão salvação ao dizer: 'se tua lei não fosse minha meditação, já haveria perecido em minha humilhação'".

Também Paulo buscava confirmar a seu discípulo, ao dizer: "Medita estas coisas; vive entregue a elas para que teu aproveitamento seja manifestado a todos" (1 Tim 4,15). Praticamente igualmente tu, lê com sabedoria os Salmos e poderás, sob a direção do Espírito, compreender o significado de cada um.

Imitarás a vida que levaram os varões santos, que entusiasmados pelo Espírito de Deus isto tudo disseram.

La Verdad y el Número

(Homilía de San Atanasio contra los que consideran al número como prueba de la verdad o que no juzgan de la verdad sino por el número)

De Dios debemos esperar la fuerza y las luces necesarias para combatir la mentira y el error y a Él recurriremos para obtenerlas. Él es el Dios de la Verdad, Él nos ha sacado del seno del error y de la ilusión, Él nos dice en el fondo del corazón: "Yo soy la Verdad", Él sostiene nuestra esperanza y anima nuestro celo, cuando nos dice: "Tened confianza, Yo he vencido al mundo.

Después de eso, ¿cómo no sentir compasión por los que sólo miden la fuerza y el poder de la Verdad por el gran número? ¿Han olvidado por consiguiente, que Nuestro Señor Jesucristo no eligió sino doce discípulos, gentes simples, sin letras, pobres e ignorantes, para oponerlos, con una misericordia totalmente gratuita, al mundo entero y que no les dio, como única defensa, sino la confianza en Él? ¿Ignoran acaso que les dio como instrucción a estos doce enviados, no el seguir al gran número, y a esos millones de hombres que se perdían, sino ganar a esa multitud y comprometerla a seguirlos? ¡Cuán admirable es la fuerza de la Verdad! Sí, la Verdad es siempre vencedora, aunque no esté sostenida sino por un número muy pequeño. No tener otro recurso sino el gran número, recurrir a él como a una muralla contra todos los ataques, y como a una respuesta para todas las dificultades, es reconocer la debilidad de su causa, es convenir en la imposibilidad en que se está de defenderse, es, en una palabra, reconocerse vencido.

¿Qué pretendéis, en efecto, cuando nos objetáis vuestro gran número? ¿Queréis como en otro tiempo, levantar una segunda Torre de Babel, para tener a raya a Dios y atacarlo en caso de necesidad? ¡Qué ejemplo el de esa multitud insensata!

Que vuestro gran número me presente la Verdad en toda su pureza y su brillo, estoy dispuesto a rendirme y mi derrota es segura; pero que no me dé como prueba y razón nada más que su propio gran número y su autoridad: es querer causar terror y dar miedo, pero de ningún modo persuadirme. Cuando diez mil hombres se hubiesen reunido para hacerme creer en pleno día que es de noche, para hacerme aceptar una moneda de cobre por una moneda de oro, para persuadirme a tomar un veneno descubierto y conocido por mí, como un alimento útil y conveniente, ¿estaría obligado por eso a creerles?

Por consiguiente, puesto que no estoy obligado a creer en el gran número, que está sujeto a error en las cosas puramente terrestres, ¿Por qué cuando se trata de los dogmas de la religión y de las cosas del cielo, estaría yo obligado a abandonar a los que están apegados a la Tradición de sus Padres, a quienes creen con todos los que han sido antes que ellos, lo que se ha creído en los siglos más remotos, y confirmado además, por la Sagrada Escritura? ¿Por qué, digo, estaría yo obligado a abandonarlos para seguir a una multitud que no da ninguna prueba de lo que afirma? ¿Acaso el Señor mismo no nos dijo que había muchos llamados, pero pocos escogidos; que la puerta de la vida es pequeña, que la vía que lleva a ella es estrecha y que son pocos los que la encuentran? Por consiguiente, ¿cuál es el hombre razonable que no prefiriese ser de este pequeño número, que entra a la vida eterna por ese camino estrecho, a ser del gran número que corre y se precipita a la muerte por el camino ancho? ¿Quién de vosotros, si hubiese estado en los tiempos en que San Esteban fue lapidado y expuesto a los insultos del gran número, no hubiese preferido e incluso no hubiese deseado ser de su partido, aunque él estuviese solo, antes que seguir al pueblo, que por el testimonio y la autoridad de la multitud creía estar en la verdadera fe?

Un solo hombre de una probidad reconocida merece más fe y más atención que otros diez mil que no cuentan sino con su número y su poder. Buscad en las Escrituras y encontraréis las pruebas. Leed el Antiguo Testamento, allí veréis a Fineés [nieta de Aarón, Éxodo 6,25] quien se presenta solo ante el Señor, solo apacigua su cólera y hace cesar la matanza de los israelitas, de

los que acababan de perecer veinticuatro mil. Si se hubiese contentado con decirse entonces, ¿quién osará oponerse aun número tan grande que está unido para cometer el crimen? ¿qué puedo yo contra la multitud? ¿de qué me serviría oponerme al mal que cometen con voluntad plena? ¿habría obrado valientemente y habría detenido el mal que cometía el gran número? No, sin duda, el resto de los israelitas habría perecido y Dios no habría perdonado a ese pueblo gracias al celo de Fineés. Es necesario, por consiguiente, que se prefiera el sentimiento de un hombre con probidad, que obra y habla con la libertad que da la Religión, a las opiniones y a las máximas corrompidas de una multitud.

En cuanto a vosotros, seguid si queréis al gran número que perece en las aguas y abandonad a Noé, el único que es conservado; pero al menos no me impidáis salvarme en el Arca con el pequeño número. Seguid si queréis al gran número de los habitantes de Sodoma; en cuanto a mí, yo acompañaré a Lot; y aunque él esté solo, no lo abandonaré para seguir a la multitud de la que se separó para buscar su salvación.

No creáis, sin embargo, que desprecio el gran número; no, lo respeto, y sé los miramientos que hay que tener con él: pero es ese gran número que da prueba y hace ver la verdad de lo que afirma, y no ese gran número que teme y evita la discusión y el examen; no ese gran número que parece siempre dispuesto al asalto y que ataca con orgullo, sino ese gran número que reprende con bondad; no ese gran número que triunfa y se complace en la novedad, sino ese gran número que conserva la heredad que sus Padres le han legado y está apegado a ella.

Pero, en cuanto a vosotros, ¿cuál es ese gran número del que os jactáis? Qué decir de los individuos vencidos, seducidos y ganados por las caricias, los presentes, de los individuos enceguecidos y arrastrados por su incapacidad y su ignorancia, de los individuos que, unos por timidez y otros por temor, sucumbieron ante vuestras amenazas y vuestro crédito, de los individuos que prefieren un placer de un momento, aunque pecando, a la vida que debe ser eterna.

¿Así, por consiguiente, pretendéis sostener el error y la mentira por medio del gran número, y establecerlo con perjuicio de la

Verdad, que un grandísimo número no enrojeció en confesar públicamente a expensas de su vida? ¡Ah, por cierto, hacéis ver la magnitud del mal y hacéis conocer la profundidad de la llaga, pues la desgracia es tanto mayor cuanto más individuos se encuentran envueltos en ella!

"No sigáis la muchedumbre para obrar mal, ni el juicio te acomodes al parecer del mayor número, si con ello te desvías de la verdad".

Epístola 39

1. [Alguns hereges gnósticos] escreveram livros que chamam livros de mesa, que marcaram com estrelas, às quais deram os nomes dos Santos. Esses que escreveram tais livros em meio à verdade, atraíram sobre si uma reprovação dupla, porque se esmeraram numa ciência mentirosa e desprezível e desviaram, com idéias maldosas, os ignorantes e os simples, da fé correta e estabelecida na verdade íntegra, sob a presença de Deus.

2. Já que os citamos como heréticos e assassinos, sendo nós os possuidores das Divinas Escrituras para a salvação, e já que temos, como Paulo escreveu aos Coríntios, que algumas poucas pessoas simples podem ser desviadas da simplicidade e pureza, pela astúcia de certas pessoas, e podem, no futuro, ler outros livros que são chamados apócrifos, iludidos pela semelhança de seus nomes com os dos livros verdadeiros, venho pedir-lhes que tenham paciência se eu também vos escrevo com intuito de lembrar-lhes assuntos com os quais estais familiarizados, levado pela necessidade e para o bem da Igreja.

3. Fazendo menção desse assunto, adoto para fundamentar meu propósito, a norma de Lucas Evangelista, dizendo por mim mesmo: Doravante como alguns têm o propósito de assumirem entre eles os livros chamados apócrifos, e misturá-los com a Escritura divinamente inspirada, sobre a qual fomos convictamente instruídos, como aqueles que "desde o início foram testemunhas oculares e ministros da Palavra, transmitida a nossos Pais, pareceu-me oportuno a mim também", impelido por irmãos verdadeiros e tendo a orientação dos primórdios, firmar para vós os livros incluídos no Cânon, transmitidos e confirmados como divinos, com o propósito de que, se alguém cair em erro possa acusar aqueles que o desviaram, e para que aqueles que continuam firmes na verdade possam de novo se alegrarem ao lhes serem tais fundamentos lembrados.

4. Há, portanto, 22 Livros do Antigo Testamento, número que, pelo que ouvi, nos foram transmitidos, sendo este o número citado nas cartas entre os Hebreus, sendo sua ordem e nomes respectivamente, como se segue: Primeiro, o Gênesis. Depois, o Êxodo. Depois, o Levítico. Em seguida, Números e, por fim, o Deuteronômio. Após esses, Josué, o filho de Nun. Depois, os Juízes e Rute. Em seguida, os quatro Livros dos Reis, sendo o primeiro e o segundo listados como um livro, o terceiro e o quarto também, como um só livro. Em seguida, o primeiro e o segundo Livros das Crônicas, listados como um só livro. Depois, Esdras, sendo o primeiro e o segundo igualmente listados num só livro. Depois desses, há o Livro dos Salmos, os Provérbios, o Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos. O Livro de Jó. Os doze Profetas são listados como um livro. Depois Isaías, um livro. Depois, Jeremias com Baruc, Lamentações e a Carta [de Jeremias], num só livro. Ezequiel e Daniel, um livro cada. Assim se constitui o Antigo Testamento.

5. Não é tedioso repetir os [livros] do Novo Testamento. São os quatro Evangelhos, segundo Mateus, Marcos, Lucas e João. Em seguida, o Atos dos Apóstolos e as sete Epístolas [chamadas "católicas"], ou seja: de Tiago, uma; de Pedro, duas; de João, três; de Judas, uma. Em adição, vêm as 14 Cartas de Paulo, escritas nessa ordem: a primeira, aos Romanos, as duas aos Coríntios, uma aos Gálatas, uma aos Efésios, uma aos Filipenses, uma aos Colossenses, duas aos Tessalonicenses, uma aos Hebreus, duas a Timóteo, uma a Tito e, por último, uma a Filemon. Além disso, o Livro da Revelação de João.

6. Há fontes da salvação em que aqueles que têm sede podem saciar-se com as palavras vivas que contêm. Somente nelas está proclamada a doutrina divina. Que nenhum homem acrescente nada a elas, nem delas se apossem. Com respeito a isso, o Senhor envergonhou os Saduceus, dizendo: "Eles erram porque não conhecem a Escritura". Também reprovou os Judeus, dizendo: "Vejam as Escrituras porque elas são que dão testemunho de Mim".

7. Mas, para uma maior exatidão, acrescento também, escrevendo para não me omitir, que há outros livros, além desses, de fato não incluídos no Cânon, indicados pelos Padres para leitura por aqueles recém-admitidos entre nós e que desejam receber instrução sobre a Palavra de Deus: a Sabedoria de Salomão, a Sabedoria de Sirac, Ester e Judite, Tobias, bem como aqueles chamados Ensino dos Apóstolos e o Pastor. Quanto aos primeiros, meus irmãos, foram incluídos no Cânon; mas os últimos são [apenas] para leitura, não havendo em lugar nenhum menção a eles como sendo escritos apócrifos. Mas aqueles que são criação de heréticos, que os escreveram quando quiseram, aprovando-os eles próprios, datando-os de modo a usarem-nos como escrituras antigas, aqueles sim, se encontram em condições de desviarem as pessoas simples.